

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

LETICIA JADE CARVALHO DA COSTA

“WE BREAK THE PATTERN BEFORE THE PATTERN BREAKS US”:
a naturalização da violência doméstica no relacionamento abusivo na obra *It Ends With Us*
(2016)

LETICIA JADE CARVALHO DA COSTA

“WE BREAK THE PATTERN BEFORE THE PATTERN BREAKS US”:
a naturalização da violência doméstica no relacionamento abusivo na obra *It Ends With Us*
(2016)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês, sob a orientação da professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

PARNAÍBA

2024.2

C837w Costa, Leticia Jade Carvalho da.

"WE BREAK THE PATTERN BEFORE THE PATTERN BREAKS US": a naturalização da violência doméstica no relacionamento abusivo na obra *It Ends With Us* (2016) / Leticia Jade Carvalho da Costa. - 2024.

65f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Curso de Licenciatura em Letras Inglês, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba - PI, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Crítica Literária. 2. Estudos Feministas. 3. Naturalização da Violência Doméstica. 4. Relacionamento Abusivo. 5. *It Ends With Us* (2016).

CDD 420

LETICIA JADE CARVALHO DA COSTA

“WE BREAK THE PATTERN BEFORE THE PATTERN BREAKS US”:
a naturalização da violência doméstica no relacionamento abusivo na obra *It Ends With Us*
(2016)

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Orientadora: Doutora Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí - Campus Parnaíba

Professor Convidado: Doutor Ruan Nunes Silva
Universidade Estadual do Piauí - Campus Parnaíba

Professor Convidado: Doutor Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Maranhão - Campus Bacabal

APROVADA EM 12 DE DEZEMBRO DE 2024

Dedico este trabalho a mim mesma, que, mesmo diante do naufrágio, permaneci nadando contra a correnteza até alcançar a costa. À Leticia do passado, you did it!

AGRADECIMENTOS

Por mais que a jornada pareça ser solitária, conquistas sempre envolvem parcerias. E claro, a graduação não seria diferente. Primeiramente gostaria de agradecer ao universo, por me fazer trilhar esse caminho desafiador, mas cheio de recompensas.

Agradeço a minha mãe, Tatiane, por me mostrar que há situações na vida que permanecemos não por comodismo, mas por necessidade, e por mais intrigante que seja, no fim a vida nos manda algo de bom em recompensa. Obrigada por ser minha companhia de sempre!

Agradeço ao meu pai, José Maria, por todo suporte financeiro ao longo desses 22 anos e por toda dedicação. E aos meus gatos e cachorros, obviamente, por serem meus suportes emocionais. Sem dúvidas, adotá-los foi o que trouxe a luz de volta para a minha vida, os amo infinitamente.

Agradeço a minha avó, Maria Pastora, que partiu há 11 anos, deixando um vazio dentro de mim. Às vezes me pego pensando o quão orgulhosa ela estaria de mim e não consigo conter a emoção. Queria que ela estivesse aqui dividindo essa conquista comigo.

Agradeço aos meus amigos de fora do meio acadêmico, por me suportarem a minha ausência e não desistirem de mim. Sou muito grata pela amizade e parceria de vocês.

Agradeço também aos laços que fiz graças UESPI, em especial, João Henrique, Franciel e Giovanna, por me fazerem sorrir em meio ao caos, por dividir os anseios e comemorar minhas vitórias acadêmicas. E a parceira incrível que o PIBID me proporcionou, Laiane, sua amizade é ouro.

Agradeço aos professores de Letras Inglês, sem vocês eu não seria um terço da profissional que estou me tornando. Ao nosso ilustre coordenador, Ruan Nunes, por todas suas aulas e didática incríveis. Você é inspiração! Às professoras Francimaria do Nascimento, Ana Carolina, Giselle Andrade e Elaine Nascimento e aos professores Tássio Fontenele e Leonardo Davi, por todo conhecimento repassado. E claro, aos professores externos ao curso, que desempenharam um papel essencial ao longo dessa jornada, trazendo perspectivas enriquecedoras de fora da minha área.

Também agradeço ao Professor Rubenil Oliveira por contribuir para o aprimoramento do recorte deste trabalho apresentado no ENIPEL e por integrar a banca avaliadora desta pesquisa.

Minha gratidão ao Professor Orlando Berti e à Adriana Reis, meus chefes na CRI, por serem tão incríveis e por acreditarem tanto no meu potencial. Muito obrigada por tudo!

Agradeço especialmente a minha orientadora, Renata Cunha, por todo suporte e motivação ao longo do curso. Sem todos os seus puxões de orelha eu não estaria aqui. Sem você me aceitar como orientanda eu não estaria aqui. Nunca poderei expressar o suficiente o quanto sou grata por sua presença em minha vida. Obrigada por sempre me tirar da zona de conforto. Obrigada por ser essa profissional incrível. Obrigada!

A todos que passaram pela minha vida ao longo desses anos e, de alguma forma, contribuíram com ensinamentos, meu mais sincero agradecimento.

People spend so much time wondering why the woman don't leave. Where are all the people who wonder why the men are even abusive? Isn't that where the only blame should be placed?

- Colleen Hoover

COSTA, Leticia Jade Carvalho da. “**We break the pattern before the pattern breaks us**”: a naturalização da violência doméstica no relacionamento abusivo na obra *It Ends With Us* (2016). 2024. 64 f. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

Uma das múltiplas possibilidades das produções literárias é expor problemáticas socioculturais a fim de promover a conscientização coletiva acerca dessas temáticas. Nesse contexto, obras que retratam casos em que mulheres sofrem diferentes formas de violência em relacionamentos afetivos desempenham um papel crucial, permitindo que reflitamos acerca desse universo complexo. Na contemporaneidade, uma das obras literárias que trata dessa temática é *It Ends With Us* (2016), escrita por Colleen Hoover. Nesse sentido, este estudo visa responder a seguinte questão: De que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016)? A fim de responder essa indagação, foi delineado o seguinte objetivo geral: Investigar de que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016). Buscando alcançar este objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase no conceito de violência doméstica na perspectiva física e psicológica; caracterizar a dimensão física da violência doméstica vivenciada por Jenny Bloom, na perspectiva de sua filha, Lily Bloom; analisar como o relacionamento abusivo dos pais colaborou para a naturalização das violências físicas e psicológicas sofridas por Lily Bloom, em seu matrimônio com Ryle Kincaid; e saber como e porque o ciclo de violência doméstica é rompido pela protagonista. Para alcançarmos esses objetivos, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfico, com abordagem qualitativa, de natureza exploratória e cunho interpretativista, fundamentada em autores como, Delap (2020), Hooks (2000), Millet ([1970] 2016) Saffioti (2015), Walker (2017) entre outras. Os resultados da pesquisa revelam que a naturalização atua como uma ferramenta do patriarcado, colaborando para vendar os olhos da vítima diante da violência doméstica que vivencia, o que perpetua o ciclo e dificulta a tomada de decisões que podem romper com o abuso.

Palavras-chave: Crítica Literária; Estudos Feministas; Naturalização da Violência Doméstica; Relacionamento Abusivo; *It Ends With Us* (2016).

COSTA, Leticia Jade Carvalho da. “**We break the pattern before the pattern breaks us**”: the naturalization of domestic violence in abusive relationship in the book *It Ends With Us* (2016). 2024. 64 f. Monograph (Graduation in English Language Teaching) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

One of the many possibilities of literary productions is to expose sociocultural issues in order to raise collective about of these themes. In this context, works that depict cases where women experience different forms of violence in romantic relationships play a crucial role, allowing us to reflect on this complex reality. In contemporary literature, one work that addresses this theme is *It Ends With Us* (2016), written by Colleen Hoover. Thus, this study aims to answer the following question: How does the naturalization of domestic violence contribute to the maintenance of the abusive relationship of Lily Bloom and Ryle Kincaid in *It Ends With Us* (2016)? Considering this, the general objective of this research is to investigate how the naturalization of domestic violence contributes to the maintenance of the abusive relationship of Lily Bloom and Ryle Kincaid in *It Ends With Us* (2016). To achieve this general objective, the following specific objectives were established: to discuss the theoretical assumptions of Feminist Studies, with emphasis on the concept of domestic violence from a physical and psychological perspective; to characterize the physical dimension of domestic violence experienced by Jenny Bloom, from the perspective of her daughter, Lily Bloom; to analyze how the abusive relationship of her parents contributed to the naturalization of the physical and psychological violence suffered by Lily Bloom in her marriage to Ryle Kincaid; and to understand how and why the cycle of domestic violence is broken by the protagonist. To achieve these objectives, a bibliographic investigation as conducted, with a qualitative approach, exploratory nature, and interpretivist character, based on authors such as Delap (2020), Hooks (2000), Millet ([1970] 2016) Saffioti (2015), Walker (2017), among others. The research results reveal that naturalization acts as a tool of patriarchy, helping to blind the victim to the domestic violence they experience, which perpetuates the cycle and impedes them from making decisions that could break the abuse.

Keywords: Literary Criticism; Feminist Studies; Naturalization of Domestic Violence; Abusive Relationship; *It Ends With Us* (2016).

SUMÁRIO

IT STARTS WITH US	11
1. CAPÍTULO 1: CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DA LITERATURA	19
1.1 CRÍTICA LITERÁRIA	19
1.2 ESTUDOS FEMINISTAS	21
1.3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PERSPECTIVA FÍSICA E PSICOLÓGICA.....	25
2. CAPÍTULO 2: DESNATURALIZANDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM <i>IT ENDS WITH US</i> (2016)	34
2.1 A AUTORA CANCELADA: ENTRE SUCESSOS E POLÊMICAS	34
2.2 O LIVRO FAMOSINHO.....	35
2.3 THROUGH LILY’S EYES.....	39
2.3.1 “HE HIT ME AND IT FELT LIKE A KISS”	46
2.3.2 “MY MOTHER WENT THROUGH IT. I WENT THROUGH IT. I’LL BE DAMNED IF I ALLOW MY DAUGHTER TO GO THROUGH IT”.....	54
“IT STOPS HERE. WITH ME AND YOU. IT ENDS WITH US”	60
REFERÊNCIAS.....	63

IT STARTS WITH US¹

Livros de romance sempre tiveram um lugar especial na minha² vida, servindo frequentemente como uma forma de escapismo para me afastar da realidade. No entanto, com *It Ends With Us* (2016), foi diferente, pois encontrei-me imersa na realidade que explico na sequência da introdução. Antes, porém, considero basilar explicar o título desta monografia.

"We break the pattern before the pattern breaks us"³ é uma frase dita pela protagonista, Lily Bloom. Escolhi usar este trecho como título porque ele representa o fim do ciclo de um relacionamento abusivo que Lily enfrenta. Ao decidir proporcionar uma realidade diferente para sua filha, ela afirma: "[a]nd as hard as this choice is, we break the pattern before the pattern breaks us" (Hoover, 2016, p. 352).⁴

Isso posto, retomo aqui a narrativa acerca do surgimento do meu interesse pela temática desta pesquisa. No ano de 2020, iniciei minha jornada acadêmica no curso de Letras Inglês, da Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba. Dentre as disciplinas cursadas, uma que se destacou foi a Crítica Literária (2022.1), no quarto período, ministrada pela Professora Doutora Renata Cristina da Cunha. Essa disciplina representou um divisor de águas em minha trajetória universitária, neste momento pude perceber que posso juntar o que eu gosto de ler/assistir/ouvir no meu tempo de lazer, com minhas obrigações acadêmicas, visto que, ela nos permite analisar literatura(s) por meio das lentes teóricas oriundas da crítica literária.

Esse conhecimento específico ampliou meus horizontes e me trouxe uma reflexão sobre as possibilidades de pesquisa. Antes de ingressar na universidade, eu raramente havia refletido sobre as questões da mulher e as violências que muitas enfrentam, contudo, na graduação comecei a mergulhar profundamente nesses temas. Levando isso em conta, dentre as teorias estudadas, os estudos feministas foram o que mais me atraiu, então a escolhi como meu foco de estudo.

A atividade de conclusão da disciplina foi o desenvolvimento de um artigo acadêmico, de tema livre, mas que devia ser baseado no que foi estudado na disciplina. Pensando nas descobertas que fiz, quando eu estava refletindo sobre o que analisar no artigo, me veio em

¹ O título da seção é inspirado na obra subsequente de *It Ends With Us*.

² Por ser uma justificativa do campo pessoal optamos por usar a primeira pessoa do singular.

³ "Nós destruímos o padrão antes que o padrão nos destrua" (tradução da pesquisadora)

⁴ "[e] por mais que a escolha seja difícil, nós destruímos o padrão antes que o padrão nos destrua" (tradução da pesquisadora)

mente o livro *It Ends With Us* (2016). A primeira vez que me deparei com esse livro ocorreu por meio de uma plataforma de mídia digital, o Instagram, na qual uma postagem mostrava um trecho apenas do romance, e aquilo capturou minha atenção imediatamente. Impulsionada pela curiosidade, decidi ler o livro e inicialmente eu esperava encontrar um romance clichê, porém, somente no momento da leitura eu pude perceber a problemática gritante e real que a obra aborda.

Fui impactada pela questão tratada no livro, que mergulha profundamente na temática da violência doméstica e do relacionamento abusivo, além de revelar camadas de significado que vão muito além do que eu inicialmente imaginava. Após ler o livro, percebi que a narrativa estava alinhada com a perspectiva dos Estudos Feministas, visto que, aborda questões que essas lentes procuram desvendar e analisar.

No livro, a personagem Lily é autodiegética, ou seja, ela narra a ação que gira em torno de si própria (Soares, 2007). Usando esse mecanismo, a autora me fez, como leitora, sentir/compreender o que de fato se passa na mente de uma mulher que vive uma relação tóxica. Então, isso enfatiza que a mulher que permanece nesse tipo de relação não é porque ela quer ou gosta, como pensa o senso comum, mas sim porque a imaginação dela faz com que ela deixe sinais passarem despercebidos. Quando a personagem é agredida e procura justificativa para isso, eu fui coagida junto, porque no início ela descreveu Ryle como um príncipe encantado e é difícil pensar que ele seria capaz de cometer tal ato, por isso, o fim da leitura me trouxe um choque de realidade muito grande. O impacto que esse exemplar carrega e a ilusão que o leitor embarca junto com Lily, me fez pensar sobre muitas mulheres que passam isso cotidianamente e são julgadas.

Refletindo sobre essa obra, percebi que é crucial que esse assunto seja discutido de forma mais frequente, não só para que as vítimas reconheçam a situação que estão, mas também para que garantir que haja suporte e acolhimento adequado para essas mulheres que enfrentam relações tóxicas. Além disso, fiquei intrigada pelo fato de que, no Instagram, a ênfase era somente no romance retratado no livro, sem nenhum indício da relação abusiva. Pode ser que abordar o tema do abuso não tenha o mesmo apelo comercial, talvez a sociedade não dê a importância devida a essa questão, ou talvez haja inúmeras outras razões para esse silêncio. No entanto, é de extrema necessidade que esse assunto seja trazido à tona, pois é importante que a sociedade reconheça a importância de enfrentar e expor essa questão.

O meu artigo de Crítica Literária (2022.1) foi feito sobre essa temática, mas isso não foi o suficiente para mim, pois vejo que há muitos mais a ser explorado nessa obra. Por isso, optei por me aprofundar na pesquisa sobre isso, a fim de abordar novos aspectos e camadas que não foram analisadas anteriormente. Isso irá contribuir para uma compreensão mais abrangente e enriquecedora da obra, além de trazer um diálogo esclarecedor sobre essa problemática.

No que diz respeito a pesquisa, esta segue os aportes teóricos da crítica literária, visto que, esse campo de estudo acredita que as produções humanas refletem experiências e anseios, sendo assim, podemos interpretá-las para obter informações significativas sobre as motivações sociais (Tyson, 2023).

Com o objetivo de aprofundar nossa compreensão da relevância feminina, bem como as adversidades cotidianamente enfrentadas pelas mulheres, utilizamos a perspectiva dos Estudos Feministas. Essa lente teórica, fundamentada no movimento feminista, oferece um aporte para examinar as narrativas literárias e se concentra em analisar as normas e estereótipos que a sociedade impõe em mulheres, assim como avalia o modo que os textos literários refletem as diferenças de gênero (Zolin, 2009).

Uma das problemáticas que a corrente trata é a naturalização da violência. Esse conceito se refere ao fenômeno em que comportamentos violentos ou discriminatórios direcionados às mulheres se tornam tão comuns e aceitos na sociedade patriarcal que são vistos como parte normal da cultura (Santos; Andrade, 2018). Ao longo da história, é notória a forma como a sociedade frequentemente naturaliza a ideia de que os homens têm poder e domínio, perpetuando assim uma hierarquia de gênero baseada na violência (Minayo, 2005). Corriqueiramente esses atos passam despercebidos ou são minimizados, pois o machismo está tão enraizado na sociedade que situações como essas são consideradas justificadas.

Ademais, a aplicação das lentes desse estudo teórico traz a possibilidade de avanço na busca do progresso sobre o papel da mulher na sociedade e na representação feminina na literatura, por meio da quebra dos paradigmas patriarcais. É de extrema importância que a opressão feminina seja retratada nas obras literárias, pois isso abre caminho para análises críticas de questões silenciadas, como a violência doméstica. O feminismo contemporâneo iniciou essa discussão, desempenhando um papel crucial na promoção de mudanças na sociedade, visto que, essa problemática passou a ser discutida com mais frequência em diversos âmbitos (hooks, 2000).

Diante disso, acreditamos que um conceito associado aos Estudos Feministas é fundamental para as discussões propostas posteriormente - violência doméstica. Esse termo foi designado para descrever atos violentos cometidos por cônjuges contra mulheres, nos quais os agressores justificam suas atitudes como uma correção necessária, mas, na realidade, essa é apenas mais uma maneira de exercer controle e subjugar suas parceiras (Minayo, 2005).

A violência doméstica não se resume apenas a abusos físicos, mas também psicológicos, patrimoniais, sexuais e morais. Contudo, nesta pesquisa abordaremos o conceito violência doméstica na perspectiva física, que inclui qualquer agressão física direta (bater, empurrar, chutar, estrangular ou ferimentos físicos) e no aspecto psicológico, os abusos não-físicos (insultos, humilhações, ameaças ou manipulação) (Pessoa, 2019). Portanto, essa opressão é enraizada em estruturas sociais que perpetuam a coerção das mulheres, por isso é tão importante a conscientização sobre esse assunto, para que assim haja o apoio às vítimas. Além disso, são necessárias ações para combater tal problemática, incluindo mudanças nas normas legais e sociais que mantêm tais atos impunes.

Partindo do princípio de que a literatura é um espelho que distorce a realidade idealizada da sociedade (Santos; Oliveira, 2001), é o papel dela denunciar situações que apesar de recorrentes são silenciadas, assim, podemos expor a questão da violência doméstica, enquanto um resultado do machismo culturalmente enraizado. Nesse sentido, elegemos a obra literária, *It Ends With Us* (2016), como corpus literário da investigação. Escrito por Colleen Hoover o livro é narrado pela protagonista Lily Bloom, uma jovem que ao longo da obra, narra diversos momentos (durante sua adolescência) onde testemunhou sua mãe, Jenny Bloom, sendo agredida fisicamente, psicologicamente e sexualmente pelo seu pai, Andrew Bloom. A protagonista cresceu se questionando por que a mãe continuava naquela situação, até o momento que se vê na passando pelas mesmas circunstâncias no relacionamento com seu marido, Ryle Kincaid. Durante o processo de se manter ou não na relação, a personagem enfrentou sérias lutas internas contra seus sentimentos.

Sendo assim, a obra que é vendida como um “simples” romance, na realidade aborda a questão da violência doméstica e da relação abusiva, que é caracterizada por manifestações de intimidação, humilhação, manipulação emocional e diversas formas de violência física, como empurrões, ameaças coerção sexual e até mesmo homicídios (Albertim; Martins 2018). Além disso, é mostrado como essas situações podem afetar as vítimas, mesmo quando elas acreditam

que jamais se deixariam chegar em tal posição. O livro ressalta a naturalização da violência, que muitas vezes se perpetua de uma geração para outra, e os dilemas emocionais complexos que as vítimas enfrentam ao decidir permanecer ou romper com um relacionamento abusivo. *It Ends With Us* (2016) não só expõe as cicatrizes deixadas pelo ato da violência, mas também enfatiza a importância da conscientização, do apoio às vítimas e o desafio de romper esse ciclo.

Diante do exposto, esse estudo visa responder a seguinte questão: De que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016), à luz dos Estudos Feministas? Considerando isso, o objetivo geral desta pesquisa é: Investigar de que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016), à luz dos Estudos Feministas. A fim de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase no conceito de violência doméstica na perspectiva física e psicológica; caracterizar a dimensão física da violência doméstica vivenciada por Jenny Bloom na perspectiva de sua filha, Lily Bloom; analisar como o relacionamento abusivo dos pais colaborou para a naturalização das violências físicas e psicológicas sofridas por Lily Bloom em seu matrimônio com Ryle Kincaid; e saber como e porque o ciclo de violência doméstica é rompido pela protagonista.

Com intuito de responder nossa pergunta e alcançar os objetivos estipulados, adotamos, baseando-nos nos conhecimentos metodológicos de Gonsalves (2001) e Gil (2021) a modalidade bibliográfica, com abordagem qualitativa, de natureza do estudo exploratória e cunho interpretativista.

A pesquisa foi realizada em quatro etapas principais: o primeiro momento foi dedicado à escolha de livros e artigos científicos, prioritariamente textos clássicos e artigos publicados nos últimos cinco anos acerca da Crítica Literária, Estudos Feministas e violência doméstica na perspectiva física e psicológica. Posteriormente, fizemos as leituras dos materiais teóricos e realizamos fichamentos para utilizar na escrita da monografia. O terceiro passo consistiu em consumir *It Ends With Us* (2016) e selecionar os trechos para as análises interpretativas. Realizamos, por último, a conexão do conhecimento teórico com excertos onde ocorrem os momentos de violência contra Lily Bloom, bem como Jenny Bloom.

Com a realização da pesquisa, em âmbito social, buscamos expor a realidade mantida entre portas fechadas. Queremos, por meio da personagem Lily Bloom, dar espaço de escuta às vítimas, identificando as barreiras que impedem a denúncia e a busca por ajuda. Segundo dados levantados do Monitoramento de Violência 2022, publicado em julho de 2023 no 17º Anuário Brasileiro de Segurança, 245.713 mulheres sofreram violência doméstica e a cada 8 minutos mulheres sofrem violência no Brasil. Além disso, de acordo com a Rede de Observatórios de Segurança – CESEC (Centro de Estudos de Segurança e Cidadania) por meio do boletim “Elas vivem: dados que não se calam”, foram registrados 495 casos de feminicídio, na qual 81,7% desses crimes tem autoria de companheiros ou ex-companheiros das vítimas. Vale ressaltar que esses índices são de apenas sete Estados brasileiros: Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, São Paulo e Rio de Janeiro.

Apesar dos avanços legais, como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e a Lei sobre Feminicídio (Lei 13.104/2015), que representam um marco na proteção dos direitos femininos, ainda existem muitas falhas na aplicação efetiva dessas leis e na garantia da segurança das vítimas, pois segundo o levantamento nos dados oficiais de 26 estados e do Distrito Federal, feito pelo relatório “Segurança em números 2022” do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil teve um aumento de 3,6% nos casos de violência contra a mulher em 2022 em comparação com 2021. Portanto, como nos dados elencados, as taxas de agressões e feminicídios no Brasil continuam aumentando. No que tange a violência doméstica, o combate tem que vir de todos os lados como uma tentativa de preservar vidas. As universidades nesse sentido, são lugares que abrem espaço para a discussão dessa pauta, para que isso deixe de ser um assunto reprimido. Essa temática se torna relevante por pensarmos que a(s) violência(s) sofrida(s) por mulheres cotidianamente em relacionamentos amorosos com homens é algo assustador.

Nesse sentido, em âmbito acadêmico, esperamos que as discussões aqui propostas possam servir de inspiração para que mais graduandas se aprofundem nesta problemática e que nossa investigação seja utilizada como uma fonte de leituras para pesquisadoras que ousam se desafiar nos caminhos dos Estudos Feministas, destacando a violência doméstica e psicológica, bem como outros abusos sofridos por mulheres. Em uma visita ao compilado de monografias⁵ de Letras Inglês de Parnaíba (PI), notamos que esta pesquisa é uma dentre vários trabalhos de

⁵ https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1e38lfcc_mAAIMKrVTMmHLOZZVfBmfee

conclusão de curso que utiliza as lentes feministas para interpretar uma produção literária, contudo, essa é a pioneira por utilizar a obra *It Ends With Us* (2016), bem como o conceito de violência doméstica na perspectiva física e psicológica.

No que diz respeito ao âmbito pessoal, esperamos que esse estudo nos proporcione uma nova perspectiva, tanto como pesquisadora quanto como mulher sujeita às mesmas situações de problemáticas abordadas nesse trabalho. Almejamos que essa pesquisa enriqueça não só nosso entendimento sobre a complexidade dessas questões, mas também nos capacite a ser agentes de mudança, para que possamos contribuir para a conscientização e apoio às vítimas. Em adição, como docente, esperamos trabalhar ativamente para criar ambientes de educação que combatam o silêncio e a aceitação da violência nos relacionamentos, assim, promovendo aos poucos uma mudança cultural.

Em termos de estrutura, nosso estudo está dividido em quatro seções. Nesta primeira parte apresentamos o surgimento do interesse, contextualização da problemática, questão norteadora, objetivos, metodologia e justificativa para a realização da pesquisa. Apresentamos adiante a Crítica Literária, os Estudos Feministas, com ênfase no contexto histórico de seu surgimento, os principais termos-chave para a compreensão de nossas discussões, além do conceito de violência doméstica na perspectiva física e psicológica. A terceira seção é dedicada à apresentação de *It Ends With Us* (2016) e sua autora, Colleen Hoover, e às análises interpretativas da obra, à luz das lentes feministas. A seção de considerações finais responde à questão, apresenta sugestão para trabalhos futuros e perspectivas pessoais acerca do tema discutido.

Imagine viver em um mundo onde as mulheres são consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado é graças a luta feminina.

Prefácio de Lola Aronovich, in Lerner (2019)

CAPÍTULO 1

CONSTRUINDO SENTIDOS A PARTIR DA LITERATURA

Dedicamos esta seção à apresentação da Crítica Literária com base nos estudos de Lois Tyson (2015). Posteriormente, introduzimos as lentes teóricas contempladas na investigação, os Estudos Feministas, a partir das discussões de Delap (2020), Lerner (2019) e Tiburi (2023). Além disso, o conceito-chave para as discussões que pretendemos construir – violência doméstica – é apresentado, com auxílio de Barretto (2018), Chiqueto et al (2021), Hooks (2000, 2015), Lins et al (2022), Minayo (2005) e Walker (2017), entre outras autoras.

1.1 CRÍTICA LITERÁRIA

A literatura, apesar de complexa de conceituar, pode ser vista como um âmbito que oferece refúgio para a imaginação, reflexão, e expressão artística, cultural, histórica e social. Eagleton (2006) aponta que ela se refere a um estado geral de coisas, afastando-se do pragmatismo, portanto, permite que ideias, emoções e experiências sejam exploradas de maneira mais ampla. Sob essa ótica, a literatura atua como um meio de conexão entre autores e leitores, construindo um diálogo temporal ou atemporal da condição humana em geral.

A crítica literária visa compreender obras literárias ou outras formas de produções culturais como reflexos das experiências humanas, abrangendo conflitos, desejos e problemas sociais; assim, ao analisar essas composições, podemos obter uma profunda interpretação destas narrativas, além de explorar a riqueza e complexidade das criações literárias (Tyson, 2023). Por meio desse aporte teórico, os pesquisadores têm a oportunidade de analisar Literatura(s) sob diversas perspectivas, como lentes psicanalista, marxista, feminista, queer, afro-americana, pós-colonial, entre outras. Essas ferramentas permitem investigações de novos horizontes interpretativos.

Esta área de conhecimento é encontrada contemporaneamente em âmbito acadêmico. As salas de aula são os espaços onde ocorrem os debates fundamentados nesse arcabouço teórico. No entanto, as discussões não se limitam à apreciação estética, mas sim, se estendem a questões sociais e culturais que permeiam as obras, conforme mencionado por Zolin (2009, p.

26) “A Crítica Literária refugiou-se nas universidades para buscar a verdade de forma não poluída pelos problemas sociais”.

Sobre a Crítica Literária em universidades também podemos dizer que:

É dessa forma de discussão literária, institucionalizada nas universidades inglesas, que a Crítica Literária atual deriva. É a academia, com suas pesquisas, estudos e publicações, além de discussões em sala de aula, e trabalhos jornalísticos de críticos que passaram pelas universidades, que acaba determinando, hoje em dia, o que é literatura, o que é literatura boa ou ruim, e como ela deve ser lida. (Zolin, 2009, p. 26)

Nesse contexto, esse campo de conhecimento é de extrema importância não só para universitários e pesquisadores, mas sim, para a sociedade em geral, visto que, é por meio das lentes críticas que somos capacitados a investigar as problemáticas sociais representadas nas produções literárias.

A literatura utiliza ferramentas como a representação com o propósito de simbolizar problemáticas reais, contudo, é importante enfatizar que essa abordagem não busca copiar fielmente os eventos existentes, mas sim criticar e/ou destacar como a sociedade se comporta, revelando os preconceitos, crenças, violências, estereótipos e até mesmo as opressões que a permeiam. No contexto da discussão sobre a representação do mundo real na Literatura, podemos afirmar que ela age como um espelho distorcido, que busca refletir à sociedade uma imagem alternativa de si mesma, com o propósito de realçar as questões existentes, em vez de apresentar uma imagem idealizada que muitos acreditam (Santos; Oliveira, 2001).

Desse modo, a crítica literária não apenas enriquece o entendimento acadêmico, mas também proporciona uma valiosa ferramenta para a compreensão e reflexão social, contribuindo para uma sociedade mais crítica e informada. Como aponta Culler (1999), a teoria nos estudos literários não se limita a explicar a natureza da literatura ou os métodos para seu estudo, mas representa um conjunto de reflexões cujos limites são difíceis de definir. Essa característica torna a teoria um aporte essencial para ampliar as possibilidades de interpretação, conectando o texto literário às questões sociais, históricas e culturais que ele reflete e denuncia. Hooks (2000, p. 19) pontua que “[e]verything we do in life is rooted in theory⁶”, destacando como a teoria está presente em todos os aspectos da vida, inclusive na leitura e na análise crítica da literatura.

⁶ “tudo que fazemos na vida está enraizado na teoria” (Tradução da pesquisadora)

1.2 ESTUDOS FEMINISTAS⁷

A epígrafe anterior a este capítulo destaca a invisibilização histórica da mulher, o que ressalta a necessidade e importância dos Estudos Feministas, que adiante serão discutidos. Nessa seara, o avanço desse tema está tenuamente conectado a luta feminista, que apesar de longa e constante, ainda não alcançou todos os seus nuances. Esse ato de contínuo de resistência só trouxe resultado há poucas décadas, ou seja, o processo ainda está em andamento e em constante desenvolvimento visando não apenas o reconhecimento da contribuição das mulheres na história, mas também a superação das barreiras que ainda as mantêm subalternas em diversos contextos.

O feminismo é um movimento social, que se volta para resolver questões complexas relacionadas às discriminações e desigualdades de gênero (Delap, 2020). Além de buscar a equidade entre homens e mulheres, o feminismo também procura desafiar e desconstruir normas de gênero prejudiciais que perpetuam estereótipos e expectativas limitantes. Contudo, esse movimento não se resume apenas a isso, uma vez que visa compreender problemas relacionados a raça, classes sociais, deficiência e outros fatores que impactam as minorias femininas (Tiburi, 2023). Nesse sentido, o movimento promove uma reflexão crítica sobre as construções sociais que moldam as experiências das mulheres e como essas estruturas afetam a vida cotidiana, o acesso a oportunidades e a participação plena na sociedade.

Tiburi (2023, p. 20) define feminismo como “a desmontagem do patriarcado”. Patriarcado é a dominação masculina, que inicialmente se restringia à instituição família, mas contemporaneamente essa superioridade se apresenta em todos os âmbitos (Lerner, 2019). Conforme Millett (2016 [1970], p. 25), o patriarcado “is a social constant so deeply entrenched as to run through all other political, social, or economic forms”⁸, assim, essa estrutura profundamente enraizada reforça a necessidade de ações transformadoras. Deste modo, o feminismo se apresenta como desestabilizador do patriarcado, para que assim haja uma

⁷ A autora que nos norteia no aporte teórico de Crítica Literária, Lois Tyson (2023), emprega o termo “Crítica Feminista”, contudo, considerando o contexto específico da pesquisa, que envolve uma discussão de obra e conceito recentes, optamos por utilizar a expressão “Estudos Feministas”.

⁸ “é uma constante social tão profundamente enraizada que permeia todas as outras formas políticas, sociais ou econômicas” (Tradução da pesquisadora)

transformação social, no que diz respeito ao fim da opressão feminina (Tiburi, 2023). Sobre patriarcado também podemos dizer que:

Nesse sentido, podemos dizer que o feminismo é um operador teórico prático que desmonta o sistema e o poder do patriarcado. O patriarcado é um sistema de poder, um dispositivo geral de opressão. O feminismo é um contra dispositivo. Ele é acionado para desativar o dispositivo do poder da dominação masculina patriarcal. (Tiburi, 2023, p. 72)

Sendo assim, enquanto o patriarcado quer diminuir a imagem feminina, o feminismo age de maneira contrária, procurando promover a valorização das mulheres. Em adição, dentro da estrutura da sociedade patriarcal, manifesta-se a misoginia, que é um discurso de ódio que visa tirar a credibilidade de mulheres, deslegitimando suas vozes, estereotipando-as como loucas ou histéricas, a fim de humilhá-las e destruir sua imagem visual e verbal (Tiburi, 2023). A misoginia, portanto, é uma ferramenta poderosa dentro do patriarcado, perpetuando estigmas prejudiciais e tentando manter as mulheres em posições subalternas. Nesse contexto, Beauvoir (2016 [1949]) apresenta a mulher na perspectiva do Outro, sendo estereotipada como algo distinto e inferior em relação ao homem, que pelo contrário é visto como o sujeito universal. Essa também é uma construção social, moldada para justificar a dominação masculina.

O papel da mulher na sociedade vem se alterando ao decorrer dos anos, devido inicialmente à Revolução Industrial, momento em que as mulheres passaram a desempenhar funções que eram restritas ao sexo masculino e posteriormente, com o advento do movimento feminista (Leão et al, 2017). Conforme mencionado por Delap (2020, p. 14), o termo feminismo foi “cunhado no fim do século XIX”, marcando o início de um movimento contínuo que busca desafiar as normas sociais e estruturas que perpetuam a disparidade entre homens e mulheres. Esse movimento se divide em quatro ondas, as quais representam cada fase de desenvolvimento do feminismo, baseando-se em questões específicas e desafios de cada época.

A primeira onda ocorreu por volta do final do século XIX e início do século XX, na qual as reivindicações eram o fim do casamento forçado, educação formal, luta pelo direito ao voto e questões legais (Millet, 2016 1970]). No entanto, assim como Delap (2020, p. 10) menciona, este movimento pode ter “seus pontos cegos e seu aspecto silenciador”, isso indica que esse primeiro momento não abrangeu todas as causas necessárias. Conforme Alós; Andreta (2017, p. 17) “um dos pontos críticos do feminismo de primeira onda suas características elitistas e

liberais, que o converteriam em um movimento social branco e burguês, pouco ou nada atento às questões de raça e classe”. Portanto, apesar do feminismo ter se iniciado com limitações, envolvendo apenas mulheres brancas e ricas, é crucial reconhecer que a primeira onda estabeleceu bases significativas para esse movimento, que adiante se torna mais robusto e eficaz.

A segunda onda emergiu na década de 1968, com a publicação do artigo *The Second Feminist Wave* de Martha Weinman Lear (Alós; Andreta, 2017). Essa fase se concentrou em questões mais amplas, incluindo direitos reprodutivos, igualdade no local de trabalho e a crítica às normas sociais tradicionais. Sobre a segunda onda também podemos dizer que:

Esse feminismo renovado emergiu após a Segunda Guerra Mundial e teve um diálogo intenso com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento hippie e o movimento sindical dos trabalhadores. Isto é, um feminismo que começou a ficar mais atento (e menos ingênuo) às questões de raça, classe e sexualidade. (Alós; Andreta, 2017, p. 18)

Essa fase destacou a necessidade de mudanças culturais profundas, reconhecendo que a igualdade de gênero requer uma transformação social mais ampla. Feministas notáveis dessa época desempenharam papéis cruciais na ampliação da discussão sobre a condição das mulheres, isso inclui Bell Hooks, Simone de Beauvoir, Judith Butler, Kate Millet, entre outras (Alós; Andreta, 2017). Essas autoras não apenas contribuíram para teorias críticas, mas também inspiraram ações práticas, impulsionando movimentos sociais em direção a uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na busca pela participação social feminina.

Na década de 1990 se iniciou a terceira onda, a qual além de abranger questões de raça e classe, o feminismo começou a ser institucionalizado nas universidades estadunidenses e europeias (Alós; Andreta, 2017). Esse movimento, assim como menciona Delap (2020, p. 12) “insiste na inclusão das mulheres em todas as áreas da vida social e política e exige a transformação radical dessas estruturas excludentes; mas o feminismo também exerce suas próprias formas de marginalização e tem lutado para abranger todas as mulheres de forma igualitária”, sendo assim a problemática exposta pela autora foi resolvida na quarta onda.

A quarta onda é um fenômeno mais recente, oriunda do início do século XXI, e abarca questões de raça, classe, orientação sexual e outras inúmeras questões que permeiam o mundo contemporâneo. Nesse momento, questões de violência contra a mulher, abusos, igualdade

salarial também são tratados. Por isso, a quarta onda envolve “a inclusão de mulheres negras, as da classe trabalhadora, as lésbicas, trans e bissexuais, as com deficiência, as não ocidentais e as não cristãs” (Delap, 2020, p. 13), para que assim, todas as mulheres sejam acolhidas por esse movimento.

Os estudos feministas oriundos do movimento feminista foram cunhados por Kate Millet na sua tese de doutorado, *Sexual politics*, a qual deu origem ao questionamento da doutrina patriarcal inserida em âmbito acadêmico, bem como oferece aporte para a análise literária (Zolin, 2009). Também podemos dizer que:

Uma das primeiras coisas a se destacar sobre a crítica literária feminista é que ela não configura um corpo homogêneo de conceitos e estratégias de leitura, mas sim um amplo conjunto de variadas proposições temáticas, ideológicas e metodológicas a serem aplicadas ao estudo da Literatura. Outra questão importante, que não se pode perder de vista, é que um dos postulados básicos das diferentes vertentes da crítica literária feminista é a impossibilidade de se pensar o texto literário desvinculado do seu contexto de leitura e produção, bem como do contexto onde se realiza a sua leitura. A crítica literária feminista se faz interdisciplinar por definição, uma vez que ela não admite a leitura do texto em um modo desvinculado de sua exterioridade e de sua historicidade. (Alós; Andreta, 2017, p. 20)

Em sua essência, essa teoria busca desvelar e questionar as representações das mulheres, os desequilíbrios de poder entre os sexos, as estruturas patriarcais e as opressões que permeiam o sexo feminino, na literatura (Tyson, 2023). Essa lente busca analisar as relações de poder presentes nos textos literários ou como as dinâmicas de poder entre homens e mulheres são refletidas através da linguagem utilizada, das estruturas narrativas e dos papéis dos personagens.

Assim, “no que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária” (Zolin, 2009, p. 217). Os estudos feministas, ao destacar a importância do contexto e da perspectiva de gênero na análise literária, enriquecem a compreensão das obras e contribuem para uma visão mais abrangente e inclusiva no campo literário. Nesse contexto, esses estudos não apenas observam as representações, mas também questionam como eles contribuem para a construção e manutenção do patriarcado, que propaga “the belief that women are innately inferior to men” (Tyson, 2023, p. 81), assim como pontua Saffioti (2015, p. 48):

De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano de jure. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc.

Nessa seara, podemos notar que “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (Saffioti, p. 49), manifestando-se de diversas formas e influenciando profundamente as relações de gênero. Portanto, por meio da leitura e análise de textos literários podemos romper as percepções enraizadas da realidade, visto que, a sociedade está acostumada a enxergar o mundo através de lentes opressoras (Ginzburg, 2013).

Portanto, os Estudos Feministas emergem como uma ferramenta poderosa para desmascarar e questionar as estruturas patriarcais nos estudos literários, pois, ao proporcionar novas formas de percepção e promover a empatia, a literatura contribui significativamente para a conscientização e o combate à violência doméstica e outras problemáticas apresentadas nesse âmbito (Ginzburg, 2013). Deste modo, a investigação feita por essa lente visa despertar o senso crítico da sociedade, para que assim sejam debatidas as formas que as convenções sociais oprimem mulheres, além de que essa ferramenta busca interferir na ordem social desafiando o caráter discriminatório das ideologias de gênero enraizadas na cultura (Zolin, 2009).

1.3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PERSPECTIVA FÍSICA E PSICOLÓGICA

A violência é uma ação, realizada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, que causa danos físicos a outra pessoa ou grupo. Esse ato intencional envolve causar lesões corporais, com o objetivo de ferir, mutilar ou até mesmo matar o outro (Ginzburg, 2013). De acordo com Saffioti (2015, p. 18) “trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”.

Portanto, cada forma de violência representa uma invasão e destruição das fronteiras pessoais, causando impactos profundos e duradouros. Sobre violência também podemos concluir que:

A palavra violência é empregada de diversas maneiras. É comum falar em violência simbólica, ou violência psicológica, para fazer referência a situações de intimidação verbal ou humilhação grave em um ambiente público. O impacto da palavra também remete a vários campos de desumanização e hostilidade, como a generalização da

miséria, exploração de crianças e a imposição da fome. Trata-se de uma palavra que é chamada para se falar frequentemente de situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir. (Ginzburg, 2013, p. 10)

Nesse contexto, a violência é uma constante na experiência humana, manifestando-se de maneira frequente em diferentes contextos e relações, pois se trata de um fenômeno recorrente, onde indivíduos causam danos físicos a outros, contudo, essa frequência não deve nos levar a aceitá-la como normal ou inevitável, pelo contrário, é fundamental que mantenhamos uma perspectiva crítica e de estranhamento frente a esses atos, questionando as causas e buscando formas de preveni-los (Ginzburg, 2013, p. 11). Reconhecer a violência como uma violação dos direitos humanos e da integridade individual é o primeiro passo para promover uma cultura de paz e respeito mútuo.

Krug et al (2002) categoriza a violência em três tipos: intrapessoal, direcionada a si mesmo, ou seja, a pessoa inflige dano físico, psicológico ou emocional a ela própria (autolesão, automutilação, pensamentos suicidas e suicídio); coletiva, ocorre em larga escala e se subdivide em social, política e econômica (conflitos armados, genocídios, atos de terrorismo, manifestações violentas em massa, entre outros eventos em que grandes grupos estão envolvidos na perpetuação de violência contra outros grupos); interpessoal, ocorre entre duas ou mais pessoas e abrange uma ampla gama de comportamentos que causam danos físicos, psicológicos ou emocionais a outros indivíduos (agressões físicas, abuso emocional, assédio, bullying, violência sexual, entre outros), e se subdivide em familiar e parceiro íntimo.

Inserida na categoria de violência interpessoal, a violência doméstica é uma questão complexa que demarca agressões (físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais ou morais) que ocorrem dentro do ambiente familiar, frequentemente realizadas por parceiros conjugais ou namorados, contra mulheres (Chiqueto et al, 2021). No entanto, esse tipo de abuso pode ocorrer não só entre parceiros íntimos, como também entre membros da mesma família.

A expressão “violência doméstica” é utilizada quando o emprego de violência ocorre em ambiente familiar e teoricamente engloba ambos os sexos, no entanto, os episódios são comumente marcados pela ocorrência de agressões de homens contra mulheres. A violência doméstica e familiar, que antes tratava-se de um problema privado entre o casal ou ainda entre a família, tornou-se um problema social grave, onde os estigmas históricos já não eram capazes de justificar tamanha crueldade, as consequências surgiram e travou-se uma luta para respeitar

a dignidade da vida humana em ambiente familiar, o que diz respeito principalmente ao respeito aos direitos humanos.

A respeito de violência doméstica também podemos dizer que:

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que este ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Este é o chamado ciclo da violência, cuja utilidade é meramente descritiva. (Saffioti, 2015, p. 84)

Nesse contexto, esse conceito possui características particulares que a distinguem de outras formas de violência, uma das mais significativas é a sua rotinização (Saffioti, 2015). Essencialmente, a relação violenta se transforma em uma prisão real para os envolvidos. Outra característica marcante da violência doméstica é a imposição de poder, onde um indivíduo busca controlar e dominar o outro por meio do uso de força física, coerção emocional, manipulação financeira ou abuso sexual. Isso ocorre devido a questão da desigualdade de gênero, na qual a sociedade impõe a ideia de que homens devem se comportar dessa forma, por que eles possuem poder para isso, enquanto mulheres são fracas e devem se submeter a tais situações, de forma passiva (Chiqueto et al, 2021).

Partindo do princípio de que a violência é uma construção material e histórica, constantemente perpetuada por seres humanos (Ginzburg, 2013), compreendemos que a naturalização corrobora para sua continuidade. Deste modo, ela é incorporada no cotidiano, deixando de ser percebida com um estranhamento e passa a ser legitimada por discursos culturais ou institucionais (Santos; Andrade, 2018). Portanto, em contextos de desigualdade de gênero, a violência doméstica pode ser justificada por normas patriarcais, enquanto em sociedades marcadas por colonialismo, práticas violentas podem ser difundidas pela história de opressão.

Assim como pontua hooks (2000, p. 61), “Patriarchal violence in the home is based on the belief that it is acceptable for a more powerful individual to control others through various forms of coercive force”. Este tipo de violência não apenas persiste, mas também é constantemente naturalizado pela sociedade. Consoante com hooks (2015, p. 120), “male violence against women in personal relationships is one of the most blatant expressions of the use of abusive force to maintain domination and control”. Esta afirmação ressalta como a

violência masculina contra as mulheres em relacionamentos pessoais reflete uma estratégia de controle e dominação que é amplamente aceita e tolerada socialmente.

Saffitoti (2015, p. 79) afirma que “é óbvio que a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres”, o que evidencia um padrão de comportamento enraizado em normas culturais e estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a violência de gênero. Por séculos, as mulheres encaravam a violência que enfrentavam como algo normal, especialmente quando ocorria dentro do casamento, pois isso era considerado um assunto privado, no qual nem o Estado nem qualquer outra pessoa podia interferir, refletindo a ideia de que "em briga de marido e mulher, não se mete a colher"⁹ (Malvieira, 2020).

Levando isso em consideração, é fundamental abordar a questão da violência doméstica para desafiar e transformar paradigmas culturais que perpetuam comportamentos abusivos. A conscientização social sobre essa problemática não apenas aumenta a compreensão pública, mas também capacita as vítimas a reconhecerem sinais precoces de abuso e compreenderem a gravidade do problema que estão enfrentando. Esse conhecimento pode ser crucial para encorajar mais pessoas a buscar ajuda e apoio, promovendo assim um ambiente onde a violência doméstica seja menos tolerada e mais prontamente combatida.

A discussão dessa problemática se iniciou com o movimento feminista contemporâneo, como menciona hooks (2000, p. 61):

By far one of the most widespread positive interventions of contemporary feminist movement remains the effort to create and sustain greater cultural awareness of domestic violence as well as the changes that must happen in our thinking and action if we are to see its end. Nowadays the problem of domestic violence is talked about in so many circles, from mass media to grade schools, that it is often forgotten that contemporary feminist movement was the force that dramatically uncovered and exposed the ongoing reality of domestic violence.¹⁰

Portanto, a exposição dessa questão tomou grandes proporções, desta forma, deixando de ser um assunto mantido entre portas fechadas, como Chiqueto et al (2021, p. 105)

⁹ Ditado popular na sociedade brasileira.

¹⁰ A intervenção positiva mais difundida do movimento feminista contemporâneo permanece, de longe, no esforço para criar e manter uma maior conscientização cultural sobre violência doméstica, bem como as mudanças que devem ocorrer em nosso pensamento e ação para que vejamos essa problemática acabar. Atualmente, a questão da violência doméstica é falada em vários âmbitos, desde meios de comunicação até as escolas, a ponto de frequentemente esquecermos que o movimento feminista contemporâneo foi a força que dramaticamente descobriu e expôs a realidade contínua da violência doméstica. (Tradução da pesquisadora).

mencionam “A violência doméstica e familiar, que antes tratava-se de um problema privado entre o casal ou ainda entre a família, tornou-se um problema social grave (...)”. Portanto, é de suma urgência o rompimento da bolha que permeia a violência doméstica, para que assim haja a conscientização pública e o fim de dinâmicas culturais que perpetuam o abuso.

Walker (2017, p. 365) explica que “domestic violence is always about the abuse of power and control in addition to other forms of abusive and violent behavior”¹¹. Sendo assim, é notório que essa problemática é culturalmente enraizada, pois a sociedade constantemente normaliza o comportamento do homem agressivo, buscando justificar tais atitudes como atos necessários para corrigir o comportamento de mulheres (Minayo, 2005).

Dentro do espectro das relações interpessoais, existe o relacionamento abusivo, um tipo de violência psicológica que é caracterizada por um padrão de comportamentos controladores e prejudiciais exercidos por uma parte sobre a outra, tais como intimidações, humilhações, ameaças, entre outras formas de abusos psicológicos (Albertim; Martins, 2018). De acordo com Chiqueto et al (2021, p. 106) “na violência doméstica, essas agressões podem ocorrer não apenas trazendo prejuízo físicos, mas também psicológicos”, deste modo, o impacto nas vítimas vai além de danos físicos e muitas vezes perdura afetando a saúde mental.

É crucial reconhecer que a ausência de violência física não exclui a possibilidade de uma situação ser considerada abusiva, assim como menciona Lins et al (2022, p. 26) “o abuso pode se configurar de maneira sutil, visto que, é comumente difundido, desde que, não haja agressão física, a mulher não está em situação abusiva”.

A violência doméstica geralmente segue um ciclo composto por quatro fases distintas, que tendem a se repetir e intensificar. A primeira fase envolve um aumento de tensão no relacionamento; a segunda fase, explosão da violência, é breve, mas extremamente perigosa para a vítima; a terceira fase, fase de desculpas, é quando o agressor reconhece sua culpa, minimiza a gravidade de suas ações e pede perdão; a quarta e última fase, lua de mel, é marcada pela reconciliação do casal, dando às mulheres uma falsa esperança de mudança no comportamento do parceiro (Malvieira, 2020).

Vieira et al (2023, p. 5) pontua que “[n]este ciclo, o agressor pede desculpas à mulher, não pelo fato de se arrepender, mas por medo de perdê-la, pois é ela quem nutre o seu ego”, ou

¹¹ “violência doméstica é sempre sobre o abuso de poder e controle com adição de outras formas de abuso e comportamentos violentos” (Walker, 2017, p. 35, tradução da pesquisadora).

seja, essa dinâmica revela a manipulação emocional, na qual o pedido de desculpas funciona como uma estratégia de controle e não como um gesto de remorso. Sobre relacionamento abusivo concluímos que:

No relacionamento abusivo, a tensão precede o encantamento e situações irrelevantes causam “tempestades em copo d’água”, o abusado sente-se confuso ou culpado. Em seguida ocorrem as brigas, abusos verbais, emocionais e físicos. Comumente o sujeito abusador convence o seu alvo de que este último o fez perder a cabeça e busca apaziguar o ocorrido. A fase de lua de mel é então vivenciada e as juras de amor e promessas são constantes. As fases se reiniciam e se repetem inúmeras vezes até o sujeito abusado se dar conta de que apesar dos entraves necessita buscar apoio e quebrar esse ciclo (Barreto, 2015, p. 151-152)

Sendo assim, esse ciclo pode se repetir após a última fase, pois os episódios de abuso são seguidos por pedidos de desculpas, presentes ou promessas de mudança, criando confusão e mantendo a vítima presa no relacionamento, assim como pontua Vieira et al (2024, p. 5) “[n]os pedidos de desculpas, a vítima se sente culpada e o perdoa, acredita que ele mudará e, assim, dá chance para novamente iniciar o ciclo”.

Além disso, o abusador geralmente busca exercer poder e controle sobre a parceira, pois, de acordo com Barretto (2018, p. 143), “o abuso mantém a relação de poder do abusador sobre o abusado, que é tido como o seu objeto”. Essa dinâmica de poder é frequentemente sustentada por uma série de táticas de manipulação, intimidação e isolamento, que têm como objetivo minar a autoestima da vítima e aumentar sua dependência emocional e financeira do agressor (Leão et al, 2017). O ciclo de abuso é, portanto, mantido não apenas pela violência explícita, mas também por um controle coercitivo que restringe a liberdade e a autonomia da parceira, dificultando sua capacidade de buscar ajuda e romper com a relação abusiva.

A coerção emocional usada pelos abusadores para manter a vítima neste ciclo de abuso denomina-se gaslighting uma forma de manipulação psicológica em que o abusador distorce, omite ou inventa informações para fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade. “Ao incorporar o gaslighting, o agressor reforça ainda mais o controle sobre a vítima, dificultando sua capacidade de tomar decisões autônomas, incluindo a escolha de se separar” (Vieira et al, 2023, p. 6)

A saída de um relacionamento abusivo pode ser difícil devido a diversos fatores (medo, manipulação psicológica, vergonha, dependência emocional ou financeira), mesmo que a vítima reconheça a situação que está visto que, “this equation of violence with love on the part

of women and men is another reason it is difficult to motivate most people to work to end violence”¹² (hooks, 2015, p. 123). Assim como pontua Barretto (2018, p. 150):

O abusado pode estar ciente do relacionamento abusivo, mas, geralmente há a crença de que o parceiro irá mudar. O abusador por sua vez costuma a alternar o seu comportamento: em dado momento é descrito como romântico, sensível, preocupado e, em outro se torna irreconhecível. Contudo, o seu discurso envolve um jogo emocional. O abuso comporta um ciclo. Esse ciclo tem como semelhança algumas fases que envolvem o comportamento do abusador. Em um primeiro momento os casais vivem a fase da “lua de mel”, marcados por muita proximidade, romantismo, muitas promessas para o futuro.

Levando isso em consideração, a conscientização sobre os sinais de relacionamento abusivo é um passo importante para prevenir e combater esse grave problema social. Visto que, embora comumente seja associada à violência física, a relação tóxica também envolve outras formas de agressão, podendo abranger um ou todos os modos de violência (Pessoa, 2019). Portanto, é necessário educar a sociedade sobre as diversas formas de abuso, desde a violência física até os padrões manipulativos e controladores, assim, podemos capacitar as pessoas a reconhecerem precocemente sinais alarmantes em seus relacionamentos ou naqueles ao seu redor. Além disso, é importante promover uma cultura que encoraje a denúncia, ofereça apoio às vítimas e responsabilize os agressores.

A ruptura de uma relação afetiva permeada por violência doméstica geralmente necessita de intervenção externa, pois é atípico que a vítima consiga se desvincular do agressor por conta própria (Saffioti, 2015), uma vez que o fato de ser agredida por alguém próximo gera uma mudança na percepção própria, levando-a a uma falsa conclusão de que por ter escolhido alguém capaz de cometer tais atos, ela se torna merecedora de todo o sofrimento experimentado (Pessoa, 2019).

Frequentemente, além da dependência emocional, as vítimas também dependem financeiramente dos abusadores, o que torna ainda mais difícil a saída do relacionamento. Além disso, existe uma pressão social contínua que sugere que uma mulher só está completa se tiver uma relação estável, o que faz com que as vítimas temam deixar a relação por medo de serem julgadas (Vieira et al, 2023).

¹² “essa equação de violência com amor, da parte da mulher e do homem é outra razão que dificulta a motivação de pessoas para trabalharem para acabar a violência” (Hooks, 2015, p. 123, tradução da pesquisadora).

Diante disso, concluímos que o movimento feminista foi o marco que iniciou a discussão da problemática exposta contudo, até então não foi o suficiente para desfazer as raízes patriarcais que perpetuam a naturalização de diversos tipos abusos contra as mulheres. No entanto, é por meio desse movimento que abrimos rotas para que o enfrentamento das violências oriundas de relacionamentos abusivos resulte na transformação das relações socioculturais entre homens e mulheres, com ênfase na equidade e na renovação da cultura. Batista (2020, p. 54) menciona que “repensar a violência é repensar os aspectos culturais e sociais que produzem normas de gênero”, sendo assim, a conscientização social sobre a gravidade do problema e os sinais de abuso é fundamental para interromper ou, pelo menos, evitar o ciclo de violência.

A partir da crítica literária e dos estudos feministas, podemos perceber como a violência doméstica, tanto física quanto psicológica, é frequentemente perpetrada de maneira silenciosa, com o intuito de não deixar marcas visíveis e evitar chamar atenção. Essa estratégia de ocultação reflete a manipulação e o controle exercidos pelo agressor, que busca manter a vítima em uma posição de vulnerabilidade e isolamento. Por isso, entender como essa violência se configura é essencial para compreendermos o ciclo que Lily Bloom vivencia.

Cycles exist because they are excruciating to break. It takes an astronomical amount of pain and courage to disrupt a familiar pattern. Sometimes it seems easier to just keep running in the same familiar circles, rather than facing the fear of jumping and possibly not landing on your feet.

Colleen Hoover

--

CAPÍTULO 2

(DES)NATURALIZANDO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM *IT ENDS WITH US* (2016)

Este capítulo é dedicado ao diálogo entre o nosso objeto literário e as lentes dos Estudos Feministas. Na seção secundária 2.1, apresentamos a autora de *It Ends With Us* (2016), Colleen Hoover, e na 2.2 a sinopse da obra. Somado a isso, a seção 2.3 e as subseções seguintes que a compõem consistem nas análises interpretativas dos excertos selecionados da obra, ou seja, de determinados trechos do livro que compõem a narrativa, problematizados à luz das teorizações feministas.

2.1 A AUTORA CANCELADA: ENTRE SUCESSO E POLÊMICAS¹³

Margareth Colleen Fennell, popularmente conhecida como Colleen Hoover ou CoHo, é uma escritora estadunidense que se tornou uma autora de best-sellers. Hoover começou sua carreira de escritora de forma independente em 2012, quando publicou seu primeiro livro *Métrica*, que faz parte da trilogia *Slammed*. A escritora rapidamente chamou atenção pelo seu trabalho, que abrange desde romances até thrillers psicológicos intensos. Com cerca de 27 obras publicadas, seus livros frequentemente exploram temas complexos como violência doméstica, abuso de drogas e outras problemáticas sociais.

Vale ressaltar que atividade da autora nas redes sociais, especialmente no TikTok, desempenhou um papel importante na expansão de seu alcance e popularidade, o que contribuiu para solidificar sua posição como uma das autoras contemporâneas mais influentes. Além disso, as obras de Hoover frequentemente lideram as classificações dos mais vendidos e são objetos de discussão nas comunidades de leitores online. No entanto, o sucesso da escritora não está isento de críticas.

Algumas de suas decisões de marketing geraram polêmicas, como, por exemplo, a adaptação do livro *It Ends With Us* em formato de livro de colorir, a coleção de esmaltes e a

¹³ As informações sobre Colleen Hoover nesta seção foram coletadas a partir de fontes online, cujas referências estão devidamente citadas ao fim do trabalho.

linha de roupas, que foi vista por muitos leitores como uma tentativa de tratar superficialmente um tema tão grave como a violência doméstica. Por isso, Hoover sofreu uma onda de críticas, com muitos leitores questionando a sensibilidade da autora e da editora ao transformar um assunto sério em algo comercializável de maneira tão leve.

Além disso, Hoover também esteve no centro de polêmicas pessoais. Em 2023, seu nome foi associado a uma problemática envolvendo seu filho, Levi, que foi acusado de assédio sexual. O caso gerou debates intensos nas redes sociais e levou a pedidos de boicote aos livros da autora, principalmente por parte de leitores que se sentiram desconfortáveis com as acusações e com a forma como a situação foi abordada publicamente. Embora Hoover tenha se mantido relativamente discreta sobre as acusações, a polêmica afetou sua imagem e gerou discussões acaloradas sobre a separação entre a autora e sua obra, além de trazer à tona questões sobre como o público reage a essas situações no mundo digital. Por conta desse episódio, Hoover passou a ser chamada de “autora cancelada” nas redes sociais.

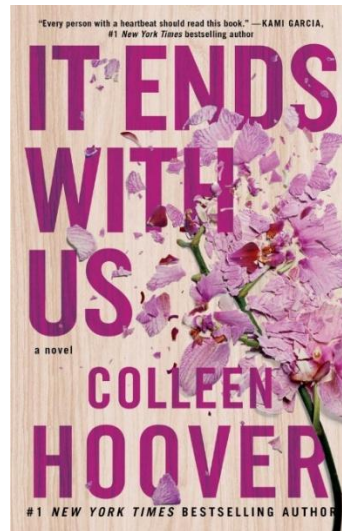
Apesar das polêmicas, Hoover continua sendo uma figura dominante no cenário literário. Em 2022, seis obras suas estavam no New York Times Best Seller List, e seu nome permanece entre os mais procurados nas plataformas de venda online. Sua base de fãs, os "CoHorts", se mantém firme, sempre apoiando e promovendo seus livros. O interesse na vida pessoal da autora está em alta nas redes sociais, principalmente no TikTok, onde ela conta com mais de 4 milhões de seguidores e onde a hashtag #ColleenHoover já acumulou mais de 3,2 bilhões de visualizações.

2.2 O LIVRO FAMOSINHO¹⁴

O corpus da investigação é constituído pela obra em Língua Inglesa *It Ends With Us*, lançada em 2016 pela autora Colleen Hoover. Este romance tem se destacado no cenário literário desde 2021, mantendo presença constante na lista de mais vendidos do The New York Times e alcançando um notável número de leitores, com cerca de 20 milhões de cópias vendidas, o que evidencia seu impacto duradouro e popularidade contínua. A obra faz parte de uma duologia, sendo este o primeiro volume, enquanto a sequência é intitulada *It Starts with Us*.

¹⁴ Sinopse da obra feita pela pesquisadora.

Figura 01: capa oficial livro *It Ends With Us* (2016)



Fonte: Site oficial Colleen Hoover

Além disso, a obra recebeu uma adaptação cinematográfica produzida pela Sony Pictures, dirigida por Justin Baldoni, que também interpreta o personagem Ryle Kincaid, e com Blake Lively no papel de Lily Bloom. A estreia ocorreu em agosto de 2024 e gerou uma grande repercussão nas redes sociais, particularmente pelo fato de a adaptação ter deturpado a ideia central da obra literária, que visa denunciar e expor a violência doméstica e o relacionamento abusivo. Polêmicas também envolveram a atriz Blake Lively, acusada de promover o filme como uma simples comédia romântica.

A história do livro conta com um elenco significativo de personagens, mas focaremos nos seguintes em nossas análises: Lily Bloom, a protagonista; Ryle Kincaid, seu par romântico; Jenny Bloom, mãe de Lily; e Andrew Bloom, pai de Lily. Lily é uma jovem recém-formada que decide aventurar-se em Boston. Ela só saiu oficialmente da casa dos pais porque seu pai estava muito doente para continuar agredindo sua mãe. Após o falecimento do pai, Lily utiliza a herança recebida para abrir uma floricultura, realizando, assim, o seu sonho e tornando-se uma empresária bem-sucedida. Ryle é um médico residente em neurocirurgia no Massachusetts General Hospital. Jenny Bloom é professora, e Andrew Bloom é prefeito na cidade de Plethora, no estado do Maine.

A narrativa se desenvolve em dois tempos: o presente se passa em Boston, enquanto as memórias do passado ocorrem em Plethora. Como já mencionado, a obra é autodiegética,

de modo que todas as informações a que os leitores têm acesso são baseadas nas percepções de Lily Bloom. Assim, à medida que Lily conhece o neurocirurgião admirável, os leitores também se envolvem na trama, e, quando Ryle revela sua faceta agressiva, isso provoca uma sensação de confusão na mente do público. Essa abordagem adotada pela autora é especialmente interessante, pois possibilita ao leitor vivenciar ao menos uma fração do que se passa na mente de uma vítima de relacionamento abusivo.

A obra se inicia com a protagonista Lily Bloom refletindo sobre o recente funeral de seu pai, Andrew Bloom, enquanto está no topo de um prédio. É nesse momento de introspecção que ela conhece Ryle Kincaid, seu futuro par romântico. Durante esse primeiro encontro, os dois se envolvem em um jogo chamado “naked truths”¹⁵, onde compartilham conflitos pessoais e profundos que geralmente guardam para si. É nesse momento de troca que os leitores descobrem um pouco sobre o passado traumático de Lily: na infância e adolescência, ela presenciou sua mãe sendo repetidamente agredida pelo pai. Essas memórias de infância são revisitadas nos capítulos seguintes, por meio de diários escritos por Lily em sua adolescência, os quais ela endereça simbolicamente para a apresentadora Ellen DeGeneres.

Voltando ao presente, o relacionamento de Lily e Ryle se desenvolve rapidamente, e logo os dois se casam. No entanto, após algum tempo, o príncipe encantado revela-se o vilão, ao demonstrar comportamento agressivo em relação à esposa. Ao longo da narrativa, Lily sofre vários tipos de agressões e se vê presa na mesma situação que sua mãe viveu no passado. Após um ato de extrema violência por parte do marido, Lily vai ao hospital e descobre que está grávida, o que a leva a se afastar e a não informar o então marido sobre a gravidez. Eventualmente, Ryle descobre a situação, e Lily permite que ele participe da gravidez e até do nascimento da filha, Emerson. Porém, ao segurar a criança nos braços, Lily toma a decisão de romper o ciclo que permeou sua vida até então.

No fim da obra contém a nota da autora, onde Hoover explica que moldou a história de Lily e Ryle baseada na história de seus próprios pais, trazendo uma profundidade ainda maior para a narrativa.

Portanto, a epígrafe anterior a este capítulo reflete a essência dos desafios enfrentados pela protagonista Lily ao longo da narrativa. Ela evidencia como a naturalização da violência doméstica pode tornar os ciclos de abuso ainda mais difíceis de romper, pois essa repetição

¹⁵ Verdades nuas e cruas (Tradução da pesquisadora)

cria uma zona de conforto ilusória que mascara o sofrimento e reforça padrões destrutivos. A metáfora dos "círculos familiares" sugere que, muitas vezes, o medo do desconhecido e das possíveis consequências da mudança é mais paralisante do que o próprio abuso.

2.3 THROUGH LILY'S EYES¹⁶

Como mencionado anteriormente, a obra se inicia quando a protagonista conhece seu par até então romântico no topo de um prédio. Por meio do jogo naked truths ambos revelam segredos de si mesmos, e é quando os leitores descobrem que Lily testemunhava a relação abusiva entre seus pais. Quando em contato com o passado da personagem, o público tem acesso aos episódios de violência que Jenny Bloom sofreu, sendo narrados por Lily. Em um dos primeiros trechos mais impactantes, a protagonista descreve uma noite em que seu pai chegou bêbado em casa e, sem motivo, começou a agredir a mãe. Na passagem abaixo, extraída de seu diário, Lily descreve um desses momentos:

As soon as I walked into the living room, I saw him push her down. They were standing in the kitchen and she'd grabbed his arm, trying to calm him down, and he backhanded her and knocked her straight to the floor. I'm pretty sure he was about to kick her, but he saw me walk into the living room and he stopped.¹⁷ (Hoover, 2016, p. 64)

O excerto ilustra o dia em que Andrew Bloom chegou tarde em casa, deixando sua filha apreensiva. Isso porque, sempre que ele retornava tarde, era sinal de que havia saído para beber. O consumo de bebidas alcoólicas por parte do pai frequentemente culminava em episódios de violência doméstica. Ao ouvir Andrew chegar e seguir diretamente para onde Jenny estava, Lily imediatamente se pôs em alerta. Ao perceber barulhos estranhos vindos da cozinha, ela decidiu

¹⁶ Pelos olhos de Lily (Tradução da pesquisadora)

¹⁷ Assim que entrei na sala, eu o vi empurrando minha mãe no chão. Eles estavam na cozinha, e ela agarrou o braço dele, para tentar acalmá-lo, mas ele a esbofeteou com as costas da mão e a derrubou no chão. Tenho certeza de que ele ia chutá-la, mas me viu entrar na sala e parou. Murmurou algo para ela, foi para o quarto e bateu a porta. (Tradução da pesquisadora)

verificar o que estava acontecendo. Ao chegar lá, encontrou exatamente o que temia: Andrew estava agredindo fisicamente Jenny. Lily sabia que sua presença poderia intimidar o pai de alguma forma, já que ele costumava cessar as agressões sempre que ela aparecia. Assim, ao entrar na cozinha, encontrou a cena de Andrew agredindo sua mãe ao ponto de chutá-la. Contudo, ao notar a presença de Lily, ele interrompeu imediatamente o ato.

A chegada de Andrew embriagado em casa e a imprevisibilidade do momento refletem um padrão recorrente em casos de violência doméstica: o ciclo da violência. De acordo com Walker (2017, p. 115) esse ciclo é composto por: “(a) tension-building accompanied with rising sense of danger, (b) the acute battering incident, and (c) loving contrition”¹⁸. Contudo, no excerto os três elementos que compõem a dinâmica não estão explícitos, mas podemos notar evidentemente duas etapas do ciclo.

A primeira fase, o acúmulo de tensão, é caracterizada por momentos precedentes a agressão que geram ansiedade e medo nas vítimas (Vieira et al, 2023). Esse elemento é visivelmente notado quando o fato de Andrew chegar tarde em casa alcoolizado já funciona como um gatilho para a própria filha, pois o retorno dele embriagado frequentemente resulta em violência.

Podemos notar também que Lily vivia em constante estado de vigilância, temendo quando a próxima agressão contra a mãe ocorreria. Esse estado de alerta se torna sufocante e evidencia como a violência se torna parte da rotina familiar, gerando um impacto intergeracional, onde a filha da vítima entende o padrão de violência e busca ser uma protetora da mãe, o que vem a resultar em impactos psicológicos nessas crianças, que adiante discutiremos mais a fundo.

A segunda fase notável deste ciclo é a explosão de violência. Momento em que o agressor descarrega a tensão por meio de violência física contra a vítima (Barreto, 2015), que nesse caso, ocorre quando Andrew empurra e fica ao ponto de chutar Jenny. A forma que o agressor age sugere que ele vê a vítima como um mero objeto de seu controle (Walker, 2017), deste modo, desumanizando a vítima.

Como o próprio nome já diz, isso é um ciclo. Cada vez que uma mulher passa por esse percurso, mais fragilizada psicologicamente e mais desacreditada de si mesma ela

¹⁸ (a) aumento de tensão acompanhado por crescimento do senso de perigo, (b) o incidente de agressão severa e (c) arrependimento afetuoso (Tradução da pesquisadora)

fica, sendo de extrema importância o apoio de uma terceira pessoa para auxiliá-la no rompimento do ciclo do abuso. (Albertim; Martins, 2018, p. 4)

Sendo assim, a entrada de Lily na cena funciona como um elemento externo momentâneo que interrompe temporariamente o ato de violência. Portanto, a presença de Lily, embora crie uma pausa temporária no abuso, não interrompe o ciclo de violência de forma duradoura, pois a dinâmica de controle e agressão continua a se repetir.

Outro episódio narrado por Lily revela um momento em que seus pais retornam de um jantar comunitário, que tiveram que comparecer devido ao cargo de prefeito que Andrew ocupava. Ao retornarem, o pai dela, visivelmente irritado, começa a insultar a mãe, aparentemente incomodado por outro homem no jantar ter olhado para ela. A discussão evolui para uma agressão física:

*My father is usually pretty cognizant of hitting her where it won't leave a visible bruise. The last thing he probably wants is for people in the town to know what he does to her. I've seen him kick her a few times, choke her, hit her on the back and the stomach, pull her hair. The few times he's hit her on the face, it's always just been a slap, so the marks wouldn't stay for long.*¹⁹ (Hoover, 2016, p. 153)

Como apresentado no excerto, Andrew bate no rosto da esposa, sendo esta a primeira vez em que ele causa uma marca visível, algo que Lily destaca em seu diário. Ela observa que, em geral, seu pai evitava causar ferimentos que pudessem ser notados por outras pessoas na cidade, optando por agredir em locais onde as marcas não ficariam aparentes. A protagonista narra que já testemunhou o pai chutando, estrangulando, puxando cabelo, batendo nas costas e na barriga, e das poucas vezes que o viu agredindo o rosto de Jenny, era “somente” um tapa, para não deixar hematomas.

¹⁹ Meu pai normalmente não a acerta onde pode deixar marcas visíveis. A última coisa que deve querer é que as pessoas da cidade descubram que bate na mulher. Já o vi chutá-la algumas vezes, estrangulá-la, golpear suas costas, sua barriga, puxar seu cabelo. Sempre que ele bateu no rosto de minha mãe, foi sempre um tapa, acredito que para minimizar as marcas. (Tradução da pesquisadora)

Com base nesse excerto, podemos notar o quão frio e calculista um agressor pode ser, demonstrando uma consciência cruel sobre o impacto de suas agressões físicas. Ele escolhe bater em lugares que a vítima pode esconder com a própria roupa, a fim de evitar questionamentos. O fato de Andrew ser "usually pretty cognizant" reflete que ele não age de forma impulsiva, mas sim com plena consciência das consequências externas de suas ações. Esse comportamento indica uma preocupação com a percepção dos outros, especialmente com o que os habitantes de Plethora pensariam sobre um prefeito que agride a própria esposa. Isso evidencia que Andrew tem plena ciência das repercussões de suas atitudes, focando mais em proteger sua imagem pública do que em aliviar o sofrimento da vítima.

A maneira natural que a protagonista descreve a violência chega a ser assustadora, evidenciando a quão familiarizada estava com esses padrões de abusos. A naturalização da violência ocorre quando comportamentos abusivos são tão constantes na realidade de um ser, que com o tempo deixam de ser questionados ou reconhecidos como anormais (Santos; Andrade, 2018). No caso de Lily, os atos abusivos eram tão frequentes em seu ambiente familiar que deixaram de ser vistos como algo indignante. Deste modo, o tom natural com que Lily relata esses abusos, sem demonstrar surpresa, evidencia como a violência já era parte comum de sua realidade, a ponto de tornar-se algo naturalizado. Essa falta de reação à brutalidade sugere o quão profundamente os abusos afetaram sua percepção de normalidade, retratando a dimensão do trauma e da impotência da protagonista diante da violência familiar.

Nesse contexto, o fato de a protagonista mencionar a violência sofrida pela mãe de forma quase apática, descrevendo as agressões de maneira objetiva como "I've seen him kick her a few times, choke her, hit her on the back and the stomach, pull her hair", evidencia como ela internalizou esse tipo de comportamento como algo excepcionalmente comum e até mesmo esperado dentro de seu lar. A naturalidade com que ela fala sobre os abusos destaca como esses episódios eram frequentes e, com o tempo, acabaram se tornando parte do cotidiano da personagem.

Lily também narra um episódio em que sua mãe, Jenny, ao chegar mais cedo em casa, precisou estacionar o carro na garagem, ocupando a vaga que Andrew, seu marido, sempre considerava exclusivamente sua. Mesmo sabendo da regra imposta pelo marido, Jenny a descumpriu nesse dia para descarregar compras. Ao chegar e ver o carro da esposa na garagem, Andrew reagiu com fúria, agredindo-a violentamente:

*I opened the garage door and didn't see my mom. I just saw my dad behind the car doing something. I took a step closer and realized why I couldn't see my mom. He had her pushed down on the hood with his hands around her throat. He was choking her, Ellen! [...] I don't know why he was mad, really, because all I could hear was her silence while she struggled to breathe. The next few minutes are a blur, but I know I started screaming at him. I jumped on his back and I was hitting him on the side of his head. Then I wasn't. I don't really know what happened, but I'm guessing he threw me off of him.*²⁰ (Hoover, 2016, p. 110)

Ao saber que o pai tinha chegado em casa e o carro de Jenny ainda estava na vaga que supostamente era exclusiva de Andrew, Lily ficou imediatamente tensa. Atenta aos acontecimentos, a personagem narra que ouviu alguns gritos de seu pai acusando Jenny de não respeitar o trabalho duro que ele enfrentava todos os dias. Em seguida, o silêncio tomou conta do ambiente, o que a deixou ainda mais preocupada. Ao adentrar na garagem, a jovem se depara com uma cena aterrorizante: sua mãe sendo estrangulada por seu pai. Tudo isso desencadeado por algo completamente trivial – uma vaga de garagem. Diante da situação Lily reage instintivamente, atacando Andrew na tentativa de salvar sua mãe. No entanto, essa reação também a torna uma vítima de agressão. Após ser jogada no chão pelo seu próprio pai, a protagonista desmaia, é levada ao hospital pela mãe, e em nenhum momento Andrew demonstra remorso, ajuda ou até mesmo pede desculpas a filha pelas suas ações.

Levando em consideração que o evento é narrado na perspectiva da Lily adolescente, a frase "I don't know why he was mad, really" reforça a imprevisibilidade do comportamento violento de Andrew e o ambiente de constante tensão em que Lily cresceu. A reação instintiva

²⁰ Abri a porta da garagem e não vi minha mãe. Só vi meu pai atrás do carro fazendo alguma coisa. Dei um passo para perto e percebi por que não estava conseguindo ver minha mãe. Ele tinha a empurrado sobre o capô e estava com as mãos em seu pescoço. Ele estava a estrangulando, Ellen! [...] Não sei por que ele estava zangado, pois eu só conseguia ouvir o silêncio da minha mãe enquanto ela se esforçava para respirar. Os próximos minutos são um borrão, mas sei que comecei a gritar com ele. Pulei nas costas de meu pai e comecei a bater na lateral de sua cabeça. E depois não estava mais. Não sei o que aconteceu, mas acredito que ele me jogou para longe. (Tradução da pesquisadora)

da jovem em atacar o pai evidencia a gravidade da situação e a coragem desesperada que ela teve que performar nesse momento. O fato de o prefeito achar que tem poder suficiente de agredir sua esposa devido a uma situação meramente trivial, como a ocupação de uma vaga de garagem, reforça a ideia de que ele a vê como um objeto de seu controle e posse. Nesse sentido, “[s]obretudo em se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos” (Saffioti, 2015, p. 79-80).

Por conseguinte, podemos ver obviamente como ecoa a dinâmica de poder na cena, onde Jenny é forçada a suportar as agressões de Andrew como parte de uma relação que perpetua a sujeição das mulheres no âmbito doméstico. Por outra ótica, a reação de Lily demonstra uma tentativa de romper com esse ciclo, pois de acordo com Walker (2017, p. 115) “[t]he second phase, the acute battering incident, becomes inevitable without intervention”²¹, deste modo, mesmo com sua vitimização, Lily agiu como um elemento essencial para romper esse padrão, ainda que apenas momentaneamente.

O silêncio atua como um elemento extremamente simbólico na cena, pois a sentença “all I could hear was her silence while she struggled to breathe” carrega uma ambiguidade perturbadora ao desvelar o peso do silêncio em situações de violência doméstica. O contraste entre o ato brutal do estrangulamento e a ausência de palavras ou pedidos de ajuda por parte de Jenny durante o estrangulamento, revelam mais que a ausência de som: expõem a impotência, a resignação e a dificuldade de resistir a episódios de agressão extrema. Além disso, essa dualidade evidencia como o silêncio pode ser interpretado como uma forma de sobrevivência em situações de abuso, pois nesses casos as vítimas fazem o que for preciso para acalmar o agressor, ou pelo menos, tentam não o deixar mais irritado, por temer a própria vida (Walker, 2017). Enquanto esse silêncio, percebido por Lily como um indicador de gravidade, contrasta com os gritos de Andrew, que demonstram sua posição de poder.

É importante ressaltar como a resistência da protagonista, mesmo em sua juventude, contrasta com a aparente resignação de sua mãe. Enquanto Jenny se mantém em silêncio, talvez por medo ou por acreditar na impossibilidade de escapar da situação, Lily tenta quebrar esse paradigma de sujeição. Esse contraste entre mãe e filha é essencial para entender o papel de

²¹ a segunda fase, o incidente de agressão severa, se torna inevitável sem intervenção. (Tradução da pesquisadora)

Lily adiante como uma figura de ruptura. Embora tenha sido vítima também, sua reação contra o pai representa uma tentativa inicial de desafiar a naturalização da violência e os papéis de gênero que subordinam as mulheres. Além disso Saffioti (2015, p. 84) afirma que:

A violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio externo. Até que este ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Este é o chamado ciclo da violência, cuja utilidade é meramente descritiva. Mesmo quando permanecem na relação por décadas, as mulheres reagem à violência, variando muito as estratégias.

Nesse contexto, embora a reação de Lily atue como uma ruptura, este é um caso isolado, tornando-se apenas simbólico, já que não possui auxílio externo. Esse ponto é relevante quando pensamos no papel das autoridades legais brasileiras, como a Lei Maria da Penha que foi instituída em 7 de agosto de 2006, exatamente para proporcionar o apoio necessário às mulheres que desejam romper com o ciclo de violência, estabelecendo mecanismos de proteção, como medidas protetivas de urgência, que incluem afastamento do agressor e proibição de contato.

Muitas vítimas, assim como Jenny, permanecem no ciclo de violência por anos, sem saber como ou onde buscar ajuda. A ausência de uma rede de suporte externa, seja jurídica ou social, faz com que estratégias de sobrevivência, como a passividade e o silêncio, sejam frequentemente adotadas. No entanto, essas estratégias não resolvem o problema, mas perpetuam a naturalização da violência e a manutenção do agressor em posição de poder. Sem suporte legal ou social, a violência permanece oculta e recorrente, dificultando a superação dos traumas e a reconstrução das vidas das vítimas.

Mesmo sofrendo violência contínua, grande parte das mulheres continuam com a relação abusiva durante um tempo, devido ao sentimento de esperança que possuem, no intuito de que seus parceiros irão mudar, acreditam ser uma situação transitória e não internalizada em sua personalidade. Em geral a mulher depende da renda do abusador por estar desempregada ou por possuírem algum bem em comum, que serve de subsistência, há uma lógica consciente ou inconsciente capaz de justificar a sua permanência em um relacionamento abusivo. (Malvieira, 2020, p. 21)

Partindo desse princípio, é essencial discutir os esforços direcionados à assistência e à garantia de direitos das mulheres, com o objetivo de reduzir as agressões, mesmo que apesar dos progressos, ainda existem obstáculos a serem vencidos no que diz respeito à efetiva implementação dessas políticas (Vieira et al, 2023).

2.3.1 “HE HIT ME AND IT FELT LIKE A KISS”²²

Partindo do princípio de que a violência é algo continuamente visto como algo natural na sociedade, especialmente no que se diz respeito a violência doméstica contra a mulher, Minayo (2005, p. 24) afirma que “no caso das relações conjugais, a prática cultural do ‘normal masculino’ como a posição do ‘macho social’ apresenta suas atitudes e relações violentas como ‘atos corretivos’”. Dessa forma, a naturalização da violência masculina contra a mulher não só reforça a desigualdade de gênero, mas também perpetua um ciclo vicioso de opressão e abuso, legitimado pela cultura e sociedade ao longo do tempo.

O primeiro episódio de violência que Lily sofre nesta relação ocorre quando numa noite, pós-expediente em sua floricultura, a personagem vai para casa e decide fazer um jantar para o marido. Quando Ryle chega em casa, decide abrir um vinho para comemorar antecipadamente uma cirurgia importante que ele faria no dia seguinte. O casal bebe, se diverte e acaba esquecendo a comida no forno, em um momento impulsivo, Ryle pega a travessa do forno, sem usar luvas para se proteger, e acaba derrubando tudo no chão, por estar com uma temperatura muito elevada. Levemente embriagada, Lily acha a situação cômica, o que resulta em uma agressão por parte de seu marido, que a acerta no rosto com força suficiente para a derrubar no chão e quando cai, a protagonista bate o canto do olho em um dos puxadores do armário. Em seguida, Ryle tenta justificar sua atitude, alegando que sua mão é muito importante para a sua carreira, mas rapidamente se desculpa pelo acontecido:

He pulls me against him and starts kissing the top of my head. “I’m so sorry. I just ... I burned my hand. I panicked. You were laughing and ... I’m so sorry, it all happened so fast. I didn’t mean to push you, Lily, I’m sorry.” I don’t hear Ryle’s voice this time. All I hear is my father’s voice. “I’m sorry, Jenny. It

22 “Ele me batia e eu sentia como se fosse um beijo”. O título destaca o impacto físico e emocional da violência. A frase é extraída da canção “Ultraviolence”, da cantora estadunidense Lana Del Rey, que explora a complexidade dos relacionamentos abusivos. A letra revela a dinâmica tóxica entre a eu lírica e seu parceiro, enfatizando a confusão entre dor e amor vivida pela vítima.

*was an accident. I'm so sorry". "I'm sorry, Lily. It was an accident. I'm so sorry."*²³ (Hoover, 2016, p. 186)

Nesse momento, Lily relata que no momento que começa a sentir a dor física, também sente o peso emocional. Quando o marido chega perto dela, para se desculpar, ela deseja que esses quinze segundos antecedentes desapareçam de sua mente. Ela está com as mãos segurando a cabeça, em completo estado de negação, e, nesse momento, Ryle chega perto dela para se desculpar. Ele descreve a situação como algo instintivo, foi apenas uma reação por ele ter queimado a mão dele. Assim, podemos ver o turbilhão emocional que a personagem passa. Por fim, o neurocirurgião promete que isso nunca mais irá se repetir.

No excerto acima, é notória a terceira fase do ciclo da violência e do relacionamento abusivo, a lua de mel:

In Phase III that follows, the batterer may apologize profusely, try to assist his victim, show kindness and remorse, and shower her with gifts and/or promises. The batterer himself may believe at this point that he will never allow himself to be violent again. The woman wants to believe the batterer and, early in the relationship at least, may renew her hope in his ability to change. This third phase provides the positive reinforcement for the woman for remaining in the relationship. Many of the acts that he did when she fell in love with him during the courtship period occur again here. (Walker, 2017, p. 118)

Basicamente, essa etapa ocorre quando o agressor pede desculpas, justifica seus atos e promete mudanças. Essa fase atua como uma ferramenta de manipulação emocional que reforça o vínculo da vítima com o agressor, dificultando o rompimento da relação (Barreto, 2015). Contudo, é notória a falsa demonstração de remorso, pois rapidamente ele busca justificativas para seu comportamento violento, como em “it all happened so fast”. Walker (2017, p. 126) menciona que “they associate the Phase III behavior with who they believed their batterer really is”²⁴, destacando que, durante essa fase, a vítima tende idealizar o agressor, ou seja, se força a

²³ Ele me puxa para perto e começa a beijar o topo de minha cabeça. “Me desculpe mesmo. Foi só que... Eu queimei minha mão. Entrei em pânico. Você estava rindo e... me desculpe mesmo, Lily, aconteceu muito rápido”. Eu não queria te empurrar, Lily, me desculpe. Dessa vez, não escuto a voz de Ryle. Tudo que ouço é a voz de meu pai. “Desculpe, Jenny. Foi um acidente. Me desculpe mesmo”. “Desculpe, Lily. Foi um acidente. Me desculpe mesmo.” (Tradução da pesquisadora)

²⁴ As vítimas associam o comportamento da Fase III ao que acreditam que seu agressor realmente é. (Tradução da pesquisadora)

enxergá-lo como um parceiro constantemente amoroso, assim, sendo aprisionada psicologicamente nessa ilusão.

Ademais, constatamos a repetição de “I’m sorry”, sendo esta uma anáfora, que de acordo com Goldstein (2006, p. 106) é uma “[f]igura que consiste na repetição da mesma palavra”. Sob esse aspecto, o uso de anáforas, especialmente em pedidos de desculpas, não se limita a um discurso retórico, pois essa ferramenta pode ser usada para ser um efeito psicológico significativo, agindo como uma forma de persuasão emocional. Essa repetição busca convencer Lily não só da sinceridade de Ryle como também de que a agressão foi apenas um acidente.

A referência ao pai de Lily, pedindo desculpas após um episódio de violência, e a semelhança dessa situação com a desculpa de Ryle após seu próprio ato violento, demonstra como ela está revivendo padrões familiares de violência e desculpas. É evidente a forma que a repetição do pedido de desculpas ecoa e acaba resultando na mistura de vozes de Andrew e Ryle, funcionando como um gatilho emocional que conecta o passado da personagem ao presente. Além disso, o uso de itálico em “*I’m sorry, Jenny. It was an accident. I’m so sorry*” reforça a essa conexão de passado e presente e mostra simbolicamente que a jovem começa a perceber que está vivenciando uma dinâmica abusiva similar a que testemunhou anteriormente, e reconhece o padrão, ainda não esteja pronta para rompê-lo.

Nesta seara, a personagem Lily Bloom demonstra uma profunda internalização da violência, refletindo a complexa interação entre experiências passadas e relacionamentos presentes. Walker (2017) destaca que as crianças expostas à violência doméstica muitas vezes internalizam esses padrões comportamentais, podendo se tornar passivas como as mães ou agressivas como os pais, dependendo das dinâmicas de poder presentes em seu ambiente familiar. Sendo assim, o fato de a personagem ter crescido testemunhando violências de seu pai contra sua mãe, é notório a forma que ela naturaliza essa situação em seu relacionamento. Sua tendência a minimizar o comportamento de Ryle como um acidente e aceitar suas desculpas reflete sua naturalização e sua relutância em confrontar a realidade do abuso.

Isso é reforçado pela cultura patriarcal, onde “a mulher naturaliza a agressão, pois desde criança foi educada a seguir os padrões postos na sociedade e seu papel de subalternidade em relação aos homens”, como discutido por Santos e Andrade (2018, p. 14), ou seja, isso molda

as percepções e expectativas das mulheres em relação aos relacionamentos e ao próprio papel na sociedade.

Seguindo a narrativa, após essa agressão Lily e Ryle vão a um restaurante, que por coincidência é de Atlas, o primeiro amor da protagonista. Como ele conviveu com ela durante a adolescência, ele sabia o ambiente violento em que ela vivia. Quando Atlas vê Lily com um hematoma, ele imediatamente associa à violência doméstica, ele a confronta, mas ela nega. Alguns dias depois, Atlas vai a floricultura de Lily, pedir desculpas pelo confronto e anota seu número de celular num papel e coloca na capa do celular de Lily. A personagem esquece desse número, até que um dia Ryle, sem querer, derruba o celular da esposa no chão e acaba encontrando o número, ele liga e quem atende é Atlas. Enfurecido, Ryle acusa Lily de traição, o que resulta numa discussão. Durante isso, o neurocirurgião sai do apartamento em que moravam, Lily o segue e ele a empurra escada abaixo:

“You fell down the stairs,” he says. “You’re hurt.”

[...]

I close my eyes again and try to remember why he’s angry.

Why he’s hurt.

My phone.

Atlas’s number.

The stairwell.

I grabbed his shirt.

He pushed me away.

“You fell down the stairs.”

But I didn’t fall.

He pushed me. Again.

That’s twice.

*You pushed me, Ryle.*²⁵ (Hoover, 2016, p. 231)

25 “Você caiu da escada” ele diz. “Você está machucada”. Meus olhos encontram os seus. Há preocupação em seu olhar, mas também mágoa. Raiva. Ele está sentindo tudo, enquanto só consigo ficar confusa. Fecho os olhos de novo e tento lembrar por que ele está zangado, magoado. Meu celular. O número de Atlas. A escada. Agarrei sua camisa. Ele me empurrou. “Você caiu da escada”. Mas eu não caí. Ele me empurrou. De novo. É a segunda vez. Você me empurrou, Ryle. (tradução da pesquisadora)

Como apresentado, após rolar escada abaixo, Lily desmaia. Ao acordar, já está em sua cama e, enquanto tenta assimilar o que aconteceu, Ryle afirma que ela caiu da escada. No entanto, ao refletir sobre os eventos anteriores, a personagem se lembra de que não caiu, mas foi empurrada pelo próprio marido. Diferentemente da primeira vez, Ryle não se desculpa imediatamente nem demonstra remorso. Ele a culpa pelo ocorrido, atribuindo a ela tanto a queda quanto a acusação de traição e mentira. Ryle sai por, segundo ela descreve, aproximadamente dez minutos e só então retorna arrependido.

Neste trecho fica evidente a prática do *gaslighting*, uma forma de manipulação psicológica onde o abusador distorce a realidade para fazer a vítima questionar sua própria percepção e sanidade (Pessoa, 2019). Ryle tenta convencer Lily de que ela caiu das escadas, tentando alterar a narrativa, para minimizar sua responsabilidade, mesmo que ela lembre claramente de ter sido empurrada por ele. Assim como Vieira et al. (2023, p. 6) descrevem, “[i]sso acontece muitas vezes no ciclo de violência, quando o agressor nega, minimiza ou distorce os eventos, levando a vítima a se sentir confusa e desacreditada”. A confusão e a tentativa de relembrar a verdade por parte da protagonista ilustram como o *gaslighting* pode desestabilizar a percepção da vítima, mantendo o controle e o poder nas mãos do abusador. Contudo, apesar da confusão inicial, a personagem nota a contradição do que Ryle diz com o que realmente aconteceu, quando ela diz que ela não caiu, mas foi empurrada novamente pelo marido, sendo este um momento muito eficaz contra a manipulação.

Ademais, o fato de Lily identificar que essa é a segunda vez que foi empurrada, sinaliza um padrão de comportamento que se intensifica. Esse fator em especial, desafia as promessas e desculpas feitas na agressão anterior. No entanto, mesmo fazendo essa assimilação, a personagem não sai desse ciclo de abuso o qual estava inserida. Walker (2017) também menciona o fato de jovens que testemunharam relações violentas dentro de seu lar possuírem dificuldades para confrontar efetivamente situações de agressão, principalmente em relações interpessoais. De acordo com Leão et al. (2017, p. 10), “[a]s mulheres, geralmente, tem extrema dificuldade em identificar o parceiro abusivo, muitas vezes, este companheiro violento e controlador é capaz de reverter toda uma situação de abuso e colocar a culpa na sua parceira”. Esse fenômeno é evidenciado na tentativa de Ryle de reverter a situação, fazendo Lily acreditar que a culpa pelo ocorrido é dela, manipulando-a para se sentir responsável pela agressão.

O excerto também revela a complexidade emocional de Lily, que sempre julgou que sua mãe deveria simplesmente sair daquela situação abusiva. No entanto, ao se encontrar presa no mesmo ciclo de violência, ela se vê incapaz de romper com os abusos de Ryle devido à constante manipulação psicológica. Esse fenômeno é destacado por Malvieira (2020, p. 19), que observa que “[a] violência psicológica é refletida como tendo como parâmetro os limites e regras de convivência, sendo complicadas não só sua identificação por terceiros como também a sua denúncia, visto que não possui materialidade”. Dessa forma, a dificuldade de Lily em romper com a situação reflete como a violência psicológica pode ser invisível e extremamente desafiadora de ser reconhecida e combatida.

Esse paralelo entre a percepção anterior de Lily e sua atual realidade reforça a devastadora eficácia do gaslighting, onde a vítima pode se ver presa em um espiral de confusão e autoquestionamento, incapaz de confiar em sua própria memória e julgamento, assim como é apresentado no seguinte excerto:

This isn't how this was supposed to be. My whole life, I knew exactly what I'd do if a man ever treated me the way my father treated my mother. It was simple. I would leave and it would never happen again.

But I didn't leave. And now, here I am with bruises and cuts on my body at the hands of the man who is supposed to love me. At the hands of my own husband.

And still, I'm trying to justify what happened.

It was an accident. He thought I was cheating on him. He was hurt and angry and I got in his way.²⁶ (Hoover, 2016, p. 242)

Acima, Lily descreve que sempre carregou consigo a ideia de que na primeira red flag que um homem demonstrasse, ela iria embora. Contudo, agora ela se enxerga fazendo exatamente o contrário. Ela está machucada, fisicamente e emocionalmente e mesmo assim

²⁶ As coisas não deveriam ser assim. Durante toda a vida, eu sabia exatamente o que fazer se um homem me tratasse como meu pai tratava minha mãe. Era simples. Eu iria embora, e aquilo nunca mais se repetiria. Mas eu não fui embora. E agora aqui estou: com machucados e cortes pelo corpo, causados pelo homem que deveria me amar. Causados por meu próprio marido. E, ainda assim, tento justificar o que aconteceu. Foi um acidente. Ele achou que estava sendo traído. Ele estava magoado e zangado, e eu fiquei no caminho. (Tradução da pesquisadora)

permanece na relação. Ela busca justificativa e se culpa pelo acontecido e tenta racionalizar a violência como um acidente. Além disso, acredita que Ryle, ao ficar magoado e irritado, reagiu dessa forma porque ela teria se colocado no caminho dele. Ela se vê tentando entender o que aconteceu, sem conseguir romper com a ideia de que isso poderia ser, de alguma forma, culpa dela.

O trecho evidencia o conflito interno de Lily ao confrontar a realidade de estar em um relacionamento abusivo, contrariando suas crenças anteriores. A personagem sempre acreditou que deixaria imediatamente um homem que a tratasse como seu pai tratava sua mãe, mas agora se vê justificando os abusos de seu próprio marido, Ryle. Essa justificação, onde ela atribui os abusos a um acidente e à suspeita infundada de traição, reflete a influência do gaslighting assim como descrito por Leão et al (2017, p. 14) “[n]ota-se que em quase todos os casos de abuso, tanto físico quanto psicológico, as vítimas sentem-se culpadas pelo ato praticado contra elas”.

Dentro dessas relações abusivas, o ciúme pode ser um dos fatores que mais contribuem para o desencadeamento da violência por parte dos homens dentro de uma relação. As manifestações de ciúme podem variar, desde ameaças de violência, ocorrências de espancamentos até assassinatos (Lins et al, 2020, p. 29)

Nesse contexto o sentimento de culpa de Lily, comum entre vítimas de abuso, ilustra como os agressores muitas vezes conseguem fazer com que suas vítimas se sintam responsáveis pelos atos violentos cometidos contra elas, perpetuando assim o ciclo de abuso. Assim, o comportamento de Ryle, marcado pelo ciúme e pela manipulação psicológica, é um reflexo claro desse padrão de violência e controle, que mantém Lily presa nesse espiral.

Partindo desse princípio, também é notório o padrão de abuso perpetrado em gerações (Walker, 2017). Lily menciona seu pai e a maneira como ele tratava sua mãe, o que estabelece um vínculo entre as experiências de violência que ela testemunhou em sua infância e a violência que ela está sofrendo agora. O trauma do passado de Lily influencia a forma como ela percebe o abuso no presente, levando-a a normalizar o comportamento abusivo e a se sentir culpada pela situação. Esse ciclo é especialmente difícil de romper porque a vítima associa o abuso com algo familiar ou normal, o que faz com que ela tenha dificuldade em identificar a gravidade da situação e a necessidade de interromper o ciclo (Santos; Andrade, 2018).

O uso do *itálico* nas últimas sentenças enfatiza a tentativa de Lily de convencer a si mesma de que o que aconteceu não foi tão grave. A personagem busca humanizar a atitude de

Ryle, dizendo que “he was hurt and angry”, numa tentativa frustrada de transformar a agressão em algo natural e distorcer a realidade de uma situação emocionalmente carregada. Ao justificar o comportamento de Ryle, Lily tenta racionalizar o abuso, criando uma explicação que diminui sua gravidade e a faz se sentir menos culpada. Esse mecanismo de defesa é típico em vítimas de abuso, que, ao buscar uma justificativa para o comportamento do agressor, acabam se afastando da realidade da violência, permitindo que o ciclo de abuso continue (Vieira et al, 2023).

A naturalização da violência por parte de Lily torna-se evidente na batalha interna que ela trava entre o anseio de se libertar dessa situação, como sempre almejou que sua mãe fizesse no passado, e o desejo de acreditar que a agressão cometida por Ryle foi um acidente. Portanto, ao relutar em aceitar que Ryle não é semelhante ao seu pai e que sua ação não foi intencional, Lily está, na verdade, minimizando a agressão que sofreu.

Nesta seara, ao naturalizar a violência doméstica, Lily está cedendo à visão patriarcal enraizada na sociedade que frequentemente naturaliza a ideia de que os homens têm poder e domínio, perpetuando assim uma hierarquia de gênero baseada na violência (Minayo, 2005). Além disso, exemplifica como a naturalização da violência é resultado de uma complexa interação que destaca a importância de uma análise crítica desses padrões para romper com ciclos de abuso.

2.3.2 “MY MOTHER WENT THROUGH IT. I WENT TROUGH IT. I’LL BE DAMNED IF I ALLOW MY DAUGHTER TO GO THROUGH IT”²⁷

Marcando um ponto crucial na narrativa da obra *It Ends With Us* (2016), Lily Bloom decide romper o ciclo de violência doméstica em que vivia. Após muitos episódios de agressões, ocorre uma situação grave, em que ela fica profundamente machucada física, psicológica e sexualmente. Nesse momento, ela pede ajuda a Atlas, pois havia decorado o número de celular que ele havia lhe entregado. No hospital, Lily descobre que está grávida, mas decide não prestar queixa. Ao final da segunda parte da obra, o nascimento de sua filha, Emmy, marca uma

²⁷ “Minha mãe enfrentou isso. Eu enfrentei isso. Eu seria amaldiçoada se permitisse que minha filha passasse por isso” - A protagonista faz essa afirmação expressando sua determinação em não permitir que sua filha vivencie o mesmo sofrimento que ela e sua mãe enfrentaram.

transformação de perspectiva. A protagonista reconhece que suas decisões passam a ter um impacto direto sobre uma nova vida, fruto de seu relacionamento com Ryle Kincaid.

Já no final da gravidez, Lily permite que Ryle compartilhe esse momento com ela, mas sempre mantendo a incerteza no ar sobre a possibilidade de retomarem o relacionamento. Ele ajuda a montar o quarto da bebê e volta a morar no apartamento com ela para prestar auxílio no dia do parto. Quando esse dia chega, os dois vão ao hospital e recebem o fruto de seu relacionamento. Após nomear a criança de Emerson, em homenagem ao irmão falecido de Ryle, Lily reflete sobre o quanto isso pode ser significativo para o processo de cura do marido. No entanto, ao observar Ryle segurando a criança nos braços, ela toma a decisão que mudará o curso de sua vida e da vida de sua filha nos próximos anos:

*I don't make this decision for me and I don't make it for Ryle.
I make it for her.*

"Ryle?"

When he glances at me, he's smiling. But when he assesses the look on my face, he stops. "I want a divorce."²⁸ (Hoover, 2016, p. 358)

[...]

But I don't want her to live like I lived. I don't want her to see him when he loses his temper with me to the point that she no longer recognizes him as her father. Because no matter how many good moments she might share with Ryle throughout her lifetime, I know from experience that it would only be the worst ones that stuck with her.²⁹ (Hoover, 2016, p. 360)

Lily explica que Ryle é um homem prestativo, carinhoso e bondoso, características que também reconhecia em seu pai. No entanto, essas qualidades não anulam o fato de ele ser um

²⁸ Não faço essa decisão por mim ou por Ryle. Eu faço isso por ela. "Ryle?" Ele está sorrindo ao se virar para mim. Mas para ao se deparar com meu olhar. "Eu quero o divórcio." (Tradução da pesquisadora)

²⁹ Mas eu não quero que ela viva o que eu vivi. Eu não quero que ela o veja perder a cabeça comigo e que deixe de reconhecê-lo como seu pai. Porque, por mais que ela tenha bons momentos com Ryle ao longo da vida, sei por experiência própria que só os piores momentos ficariam na memória. (Tradução da pesquisadora)

agressor. Ao olhar para Emmy nos braços de Ryle, Lily toma a decisão que transformará sua vida: pedir o divórcio. Ela deixa claro que essa escolha não é por ela, nem por Ryle, mas pela filha. Lily não quer que Emmy cresça como uma espectadora de um relacionamento abusivo, assim como ela foi um dia. Deste modo, fundamentando o medo de sua própria experiência em testemunhar comportamentos violentos em seu lar, Lily expressa o temor pela possibilidade de sua filha passar pela mesma situação. Ela reconhece que, apesar de existirem momentos positivos, são os episódios de abuso que deixam marcas mais profundas.

Podemos observar a ação da Lily como um ato de resistência, visto que ela se apega a isso e de certa maneira busca sua autonomia de volta, assim como pontua hooks (2019, p. 42) “grupos de mulheres que vivem diariamente em situação de opressão, geralmente tomam consciência das políticas patriarcais através de sua própria experiência, desenvolvendo também, por isso, estratégias de resistência (ainda que sem uma base organizada e firme)”. Portanto, a personagem rompe com a naturalização da violência doméstica, recusando-se a aceitar o padrão de abuso que permeou sua vida, tanto como testemunha como vítima.

As sentenças “I don’t make this decision for me and I don’t make it for Ryle. I make it for her” evidenciam o momento em que a personagem se torna uma agente de mudança, colocando as necessidades de sua filha acima das próprias. Dessa forma, Lily busca quebrar essa dinâmica de poder que caracteriza as relações abusivas. Além disso, essa decisão de pedir o divórcio não se limita apenas a uma ruptura conjugal, mas sim um ato de libertação e proteção.

Após isso, Ryle suplica para que Lily não o abandone. Nesse momento, ela utiliza a manipulação emocional, da mesma forma que ele fazia, como uma ferramenta para ajudá-lo a compreender que essa é a melhor decisão para o bem-estar da criança, como mostramos a seguir:

“Ryle,” I say gently. “What would you do? If one of these days, this little girl looked up at you and she said, ‘Daddy? My boyfriend hit me.’ What would you say to her, Ryle?” [...] “What if she came to you and said, ‘Daddy? My husband pushed me down the stairs. He said it was an accident. What should I do?’” [...] I keep going. For her sake. [...] I need to know what you would say to our daughter if the man she loves with all her heart ever hurts her. A sob breaks from his chest. He

*leans toward me and wraps an arm around me. “I would beg her to leave him,” he says through his tears.*³⁰ (Hoover, 2016, p.)

Lily relata que ficou com raiva ao pedir o divórcio e ver Ryle implorar para que ela não seguisse com essa decisão. Ela comenta que ele parecia esperançoso, algo que a incomodou profundamente. Apesar de saber que estava partindo o coração dele no melhor momento de sua vida, ela decide continuar, pois precisa convencê-lo de que seria arriscado reatar o relacionamento. Para isso, Lily utiliza as mesmas situações que ele a fez vivenciar, mas as coloca na perspectiva de que isso estaria acontecendo com Emmy. É nesse ponto que Ryle finalmente compreende que a melhor decisão é deixá-la partir.

A personagem utiliza uma abordagem persuasiva, invertendo os papéis para confrontar Ryle com o impacto potencial de sua violência em sua filha. Ao pedir que ele imagine a situação a partir da perspectiva de pai, Lily apela ao instinto protetor de Ryle, deslocando o foco do relacionamento deles para a segurança e o bem-estar de Emerson. Essa estratégia é eficaz porque desarma a defesa emocional de Ryle e o obriga a reconhecer, através de sua própria resposta, a necessidade de romper o ciclo de violência. O uso das palavras “for her” reforça que Lily não está agindo por vingança ou por suas próprias emoções, mas por um senso de responsabilidade como mãe.

Deste modo, reconhecendo que encerrar um padrão prejudicial não é fácil, a protagonista diz o seguinte “[a]nd as hard as this choice is, we break the pattern before the pattern breaks us”, pois muitas vezes esses paradigmas estão profundamente enraizados na história pessoal que se tornam ainda mais difíceis de superar. Portanto, com essa fala Lily enfatiza que em vez de permitir que esta situação continue indefinidamente, é necessário interrompê-la, para evitar um resultado mais grave e prejudicial.

Devido ao fato de ter testemunhado a violência doméstica contra sua mãe durante a infância, Lily desenvolveu uma profunda aversão a esse tipo de comportamento, o que a levou

³⁰ “Ryle”, digo com delicadeza. “O que você faria? Se um dia essa garotinha te olhasse e dissesse, ‘Pai, meu namorado bateu em mim.’ O que você diria a ela, Ryle?” [...] “E se ela chegasse e te dissesse, ‘Pai, meu marido me empurrou pela escada. Ele disse que foi um acidente’. O que devo fazer?” [...] Eu continuo, pelo bem dela. [...] Preciso saber o que você diria para nossa filha se o homem que a amasse de todo o coração a machucasse. Um soluço irrompe de seu peito. Ele se inclina em minha direção e me envolve em um abraço. “Eu imploraria para que ela o largasse”, ele confessa em meio às lágrimas. (Tradução da pesquisadora)

a temer que sua filha, Emerson, pudesse passar pela mesma situação. Essa experiência a motivou a tomar medidas firmes para romper o ciclo de abuso em sua própria família.

É importante reconhecer que as condições financeiras da personagem, sendo uma empresária, colaboram para sua decisão, porque no mundo real, muitas mulheres não têm essa oportunidade e acabam criando seus filhos nessa situação. A independência financeira de Lily lhe proporciona a segurança e os recursos necessários para tomar decisões difíceis, como se separar de Ryle, algo que muitas mulheres em circunstâncias menos favorecidas não conseguem fazer. Assim, a história da protagonista não apenas destaca a importância de romper com ciclos de violência, mas também chama atenção para as desigualdades sociais que dificultam esse rompimento para muitas outras mulheres.

O rompimento do ciclo de violência é um processo demorado, onde ocorrem várias hesitações de rompimento. Em muitos momentos as mulheres tem a iniciativa do término mas desistem por diversos motivos como financeiro, familiar, entre outros, levando muitas vezes a dúvida por parte de terceiros que não entendem o porquê de sofrer e continuar nessa situação. Levantando também a dúvida da própria vítima, que se questiona sobre o acontecimento e se não há exageros por parte dela, sendo bem comum nessas relações que a própria afirmação é posta em dúvida. (Lins et al, 2020, p.32)

Nesse sentido, as mulheres que sofrem abusos têm receio de deixar um relacionamento por medo de serem julgadas, seja por se separarem, por criarem os filhos sozinhas, ou por abandonarem um homem que, para os outros, é visto como perfeito (Chiqueto et al, 2021). Como as agressões ocorrem de maneira discreta e em um contexto íntimo, elas muitas vezes passam despercebidas, começando de forma gradual e difícil de identificar (Albertim; Martins, 2018).

Sair do ciclo do abuso não é uma tarefa fácil para as vítimas, pois conforme Saffioti (2015), isso destaca a complexidade das relações afetivas e as múltiplas dependências recíprocas envolvidas, visto que muitas vezes, as mulheres enfrentam dificuldades em construir sua própria independência e podem estar economicamente dependentes de seus agressores, além das pressões sociais e culturais significativas, como a expectativa da preservação da família, que podem dificultar a decisão de deixar um relacionamento abusivo, independentemente das circunstâncias adversas enfrentadas pela vítima. Tradicionalmente, a sociedade espera que as mulheres se sintam realizadas ao ter um parceiro estável, levando muitas vítimas de violência a permanecerem ou retornarem ao relacionamento na esperança de mudança e arrependimento por parte do parceiro (Vieira et al, 2023).

Em resumo, Lily se vê presa nesse padrão de violência que permeia sua vida desde a geração passada, refletindo a perpetuação do ciclo de abuso que marca sua história familiar. Desde a relação de sua mãe com seu pai, Lily testemunha a violência, algo que se torna parte do seu cotidiano. Essa continuidade não só influencia suas escolhas, mas também a maneira como ela lida com o próprio relacionamento. Portanto, ao casar com Ryle, a personagem começa a reviver esse padrão, enfrentando as dificuldades de romper com algo tão profundamente enraizado em sua percepção de amor e relacionamento. As barreiras que a protagonista enfrenta romper esse ciclo evidencia como a violência doméstica é um fenômeno cultural, estrutural e patriarcal.

Ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele.

Heleieth Saffioti

“IT STOPS HERE. WITH ME AND YOU. IT ENDS WITH US”³¹

A epígrafe apresenta a ideia de que muitas vezes o objeto de estudo vai muito além do consciente da pesquisadora. A autora também pontua o conceito “sincronicidade” cunhado por Jung, ela revela que a trajetória de vida de cada indivíduo se conecta com forças externas, como se o próprio universo orquestrasse esses encontros de maneira inevitável, direcionando o curso da vida para que certos fenômenos acontecessem (Saffioti, 2015). No caso da nossa pesquisa, notamos que o tema da violência doméstica não se limitou ao interesse acadêmico, mas sim a uma urgência de se trabalhar esse conceito que demanda tanta reflexão e análise.

Levando isto em conta, temos a pergunta que direcionou esta pesquisa: de que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016)? Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa foi: investigar de que maneira a naturalização da violência doméstica colabora para a manutenção do relacionamento abusivo de Lily Bloom e Ryle Kincaid em *It Ends With Us* (2016).

A fim de alcançá-lo delimitamos os seguintes objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase na violência doméstica na perspectiva física e psicológica; caracterizar a dimensão física da violência doméstica vivenciada por Jenny Bloom, na perspectiva de sua filha, Lily Bloom; analisar como o relacionamento abusivo dos pais colaborou para a naturalização das violências físicas e psicológicas sofridas por Lily Bloom, em seu matrimônio com Ryle Kincaid; e saber como e porque o ciclo de violência doméstica é rompido pela protagonista, Lily Bloom, no final da obra literária. Ademais, no que diz respeito à metodologia, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfico, com abordagem qualitativa, de natureza exploratória e cunho interpretativista.

A partir da base teórica, a resposta para a pergunta de pesquisa e os objetivos que definimos, foram plenamente alcançados. Constatamos, por meio dos excertos analisados, que a naturalização atua como uma ferramenta do patriarcado, colaborando para vendar os olhos da vítima diante da violência doméstica que vivencia, o que perpetua a manutenção do ciclo e dificulta a tomada de decisões que podem romper com o abuso.

³¹ Esta é a última frase dita pela protagonista. Ela simboliza o rompimento definitivo de Lily com o ciclo de abuso e sua determinação de não permitir que a violência se perpetue na vida de sua filha. “Isto se encerra aqui. Comigo e com você. É assim que acaba”.

As nossas análises mostram que Lily focou na determinação em proteger sua filha, para romper o padrão que permeava sua vida. Ao longo da narrativa, dilemas profundos relacionados ao impacto da violência doméstica, tanto em sua infância/adolescência quanto em sua vida adulta, são enfrentados por Lily e isso nos levou a refletir e analisar sobre como esses ciclos são naturalizados e perpetuados. Depois de muito buscar justificativas, em *It Ends With Us* (2016), a personagem contrasta a realidade de uma vítima silenciosa com a busca pela saída dessa relação abusiva. Desse modo, a personagem desafiou o destino que lhe foi imposto, desafiando normas patriarcais.

Sob essa ótica, a obra demonstra como a naturalização da violência doméstica, algo socialmente internalizado, colaboram para criar barreiras não só psicológicas, mas também sociais, que dificultam a ruptura desses ciclos abusivos. Portanto, a decisão de Lily de não continuar com Ryle, mesmo diante de seu amor por ele, reflete um protagonismo que prioriza o bem-estar emocional e a segurança de sua filha e dela própria. Além disso, vale ressaltar que o livro apresenta o modo como as narrativas de violência doméstica frequentemente normalizam comportamentos abusivos, criando uma visão essencialista da mulher como objeto de poder masculino.

Entre as dificuldades para a realização deste trabalho, destacamos a falta de materiais que ofereçam um bom aporte teórico, especialmente no que diz respeito à violência física e psicológica na literatura e à naturalização da violência. Contudo, mesmo com a escassez de bons materiais disponíveis, nos esforçamos ao máximo para concluir nosso estudo e esperamos de alguma forma contribuir como referência para futuros trabalhos.

Como sugestões para pesquisas futuras, propomos uma análise mais aprofundada sobre como o testemunho de um ambiente doméstico violento pode impactar os filhos das vítimas em diversos níveis. Embora hooks e Walker discutam esse tema, há uma necessidade de trabalhos que explorem a temática com maior profundidade.

No contexto de *It Ends With Us*, levantamos a seguinte questão: Lily Bloom rompeu realmente o ciclo de violência que vivenciou com Ryle Kincaid? A permanência dele em sua vida e na de Emmy não o mantém como parte de seu laço afetivo? Considerando que Ryle só descobriu a gravidez quase no final da história, Lily poderia simplesmente não ter revelado a ele e criado Emmy sozinha. Na continuação da obra, o livro *It Starts With Us*, percebemos nuances que mostram como Ryle ainda faz parte e continua a afetar diretamente a vida de Lily.

Com este trabalho, espero verdadeiramente ter contribuído para as discussões aqui apresentadas. Meu coração transborda de felicidade ao perceber que aquilo que gosto de ler no meu tempo de lazer, como livros de romance, foi uma ferramenta fundamental para a construção de um estudo tão amplo, abrindo espaço para problematizar situações que estão presentes no nosso cotidiano. Assim como um simples livro pode abordar temas sérios, uma pesquisa pode expandir essas reflexões, conectando a ficção à realidade e incentivando debates essenciais sobre questões sociais, como a violência doméstica, os impactos psicológicos e as possibilidades de rompimento. Espero que essa pesquisa inspire novos olhares e diálogos sobre o poder transformador da literatura na construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

REFERÊNCIAS

- ALBERTIM, R.; MARTINS, M. **Ciclo do relacionamento abusivo**: desmistificando relação tóxicas. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2023.
- BARRETO, R. S. Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018.
- BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo: a experiência vivida. [1949]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 29 nov. 2024.
- CHIQUETO, P. M; LAIBIDA, L. D. J., SILVA, S. K. M. Cadê o José da Penha? Então eu revido! olhar sociológico em autores de violência doméstica no projeto repensando atitudes. **Infinitum**, v. 4, n. 7, 2021.
- CNN Brasil. **Quem é Colleen Hoover, autora do best-seller É Assim Que Acaba**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/quem-e-colleen-hoover-autora-do-best-seller-e-assim-que-acaba/>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- CULLER, J. **Teoria Literária**: Uma introdução. Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções, 1999.
- DELAP, L. **Feminismos**: uma história global. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- DURÃO, F. A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- Eagleton, T. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.
- HOOKS, B. **Feminism is for everybody**: passionate politics. South End Press: Cambridge, MA, 2000.

HOOKS, B. **Feminist theory**: from margin to center. 2. ed. New York: Routledge, 2015.
HOOVER, Colleen. Official Website. Disponível em: <https://www.colleenhoover.com/>.
Acesso em: 08 nov. 2024.

How Colleen Hoover Rose to rule the best-seller list. **The New York Times**. Disponível em: [How Colleen Hoover Rose to Rule the Best-Seller List - The New York Times \(nytimes.com\)](https://www.nytimes.com/2023/11/20/books/colleen-hoover.html). Acesso em: 20 nov. 2023.

KRUG, E. G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R.. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LEÃO, B. M., TERRA, J. M, GRECO, V. D., MILCZARSKI, V. L. C. Relacionamento abusivo: o patriarcado e suas influências na atualidade. **Revista Eletrônica Materializando Conhecimentos**, [S.I.:s.n.], v. 08, p. 1-19, 2017.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019

LINS, C. A; FRANÇA, M. L.; ROCHA, Y. L.; PINTO, G. Violência contra a mulher: Relacionamento abusivo na perspectiva da sociologia. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 2., 2022.

MALVIEIRA, U. M. **Como ocorre o rompimento e a permanência do relacionamento abusivo em mulheres?** 2020. 27 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020.

MILLET, K. **Sexual Politics**. [1970]. New York: Columbia University Press, 2016.

MINAYO, M. C. de S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & saúde coletiva**, v. 10, n. 1, p. 23–26, 2005.

MINISTRA, P. et al. **Conselho Nacional de Justiça**. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/08/relatorio-violencia-domestica-2023.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2023.

OLIVEIRA, F. M. A. de; ÁVILA, F. J. de P.; BASTOS, N. M. C.; VASCONCELOS, V. L. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. **Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão**. Sobral-CE, novembro de 2016. ISSN 2318-432X.

PESSOA, B. M. **Consequência final do relacionamento abusivo – o feminicídio**, 2019. Disponível em: Consequência Final do Relacionamento Abusivo– O Feminicídio - Âmbito Jurídico - Educação jurídica gratuita e de qualidade (ambitojuridico.com.br). Acesso em: 05 nov. 2023.

Rede de Observatórios da Segurança. Elas vivem: dados que não se calam. Rio de Janeiro: CESeC, 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero patriarcado violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS C. F. S.; ANDRADE, M. J. E. A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA CONTEMPORANEIDADE. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v.1, n. 1, 2018.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, A. **Gêneros Literários.** São Paulo: Ática, 2007.

SOBOTA, G. **Quem é Colleen Hoover, rainha das listas de livros mais vendidos.** PublishNews, 11 jan. 2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/01/11/colleen-hoover-perfil>. Acesso em: 08 nov. 2024.

TIBURI, M. **Feminismos em comum:** para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

TYSON, L. **Critical Theory Today:** a user-friendly guide. 3. ed. New York: Routledge, 2023.

VIEIRA, A. C. A.; NASCIMENTO, C. P.; JORDÃO, G. B. (2023). A invisibilidade da violência psicológica vivenciada por mulheres vítimas de relacionamento abusivo com parceiro íntimo. **REAL Repositório Institucional.** Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/5060>. Acesso em: 16 jun. 2024.

WALKER, L. E. A. **The battered woman syndrome.** 4. ed. New York: Springer Publishing Company, 2017.

Referência do *corpus* da investigação

HOOVER, C. **It Ends With Us.** Rockefeller Center: Atria Publishing Group, 2016.